PQ
9261
V5B6
1856

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .V5B6
1856

BOSQUEJO

HISTORICO-POETICO.

BOSQUEJO
HISTORICO-POETICO

DOS

ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

OCCORRIDOS EM PORTUGAL

Até á morte

DO SENHOR REI D. JOÃO VI

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE

When truth is sufficient to fill the mind, fiction is worse than useless.

JOHNSON.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL
Rua dos Fanqueiros, 82

1856

PQ9261
.V5B6
1856

A teneris discat patrios cognoscere fastos
Ingenuas artes quisque docendus erit.
Parvos parva deceut : juvenes majora requirent.
Hoc mea nunc pueris Musa dicavit opus.

A J. V.

387270
'29

PROLOGO.

Este opusculo foi composto com o desejo de que servisse aos estudantes de Humanidades, para melhor gravarem na memoria os principaes successos da historia patria. O Tribunal competente decidirá se a obrinha escripta com esse intuito he, ou não he, capaz de contribuir para se obter hum tal resultado.

Na indicação de alguns factos não se achará nella observada huma rigorosa ordem chronologica. Ainda que esta composição metrica não deva aspirar a gosar das liberdades concedidas aos poemas, poderá talvez neste ponto considerar-se com algum direito á indulgencia dos leitores illustrados. Da sua benevolencia espera o auctor, que se dignarão levar-lhe em conta as difficuldades de huma versi-

ficação não inteiramente descuriosa, o pouco frequente emprego de consoantes faceis de achar, taes como os em *ados*, *osos*, *ia*, e a total abstenção dos esduxulos e dos agudos. Com taes pêas he quasi impossivel evitar algumas irregularidades, que, com quanto de pouca monta, seriam indesculpaveis em hum compendio escripto em prosa.

Pelo amor da brevidade, e para escusar transições ou violentas ou affectadas, só se falla das Senhoras Rainhas depois de se haver dito tudo o que se julgou necessario ácerca dos Soberanos de quem foram esposas. Este systema só foi alterado em dois ou tres casos, e por justas considerações.

Não tardará a publicar-se hum *Novo Epitome de Historia de Portugal* em prosa, que servirá de explicação a estas oitavas, nas quaes os acontecimentos são apenas apontados *de relance*, como se promette no principio do primeiro Canto.

AOS ESTUDANTES DE HUMANIDADES.

Escol dos filhos desta Lusa terra,
Que ao estudo vos dais em tenra idade,
Uteis lições este livrinho encerra
De alto valor, e de Christã piedade.
Ao ler de nossos Reis, na paz, na guerra,
Tantas acções de esforço e heroicidade,
Vereis que houve tambem, para ajuda-los,
Dignos de Reis heroes, heroes vassallos.

De hum povo lido haveis, que subjugara
O quasi inteiro conhecido mundo:
Outro vedes, que ovante os plainos ara
(Dominador feliz) do mar profundo:
Vedes outra nação, não menos clara,
Do bom gosto empunhar sceptro jocundo,
Nas armas sendo, a hum tempo, insigne e dextra,
E nas artes da paz modelo, e mestra.

De antiga, ou de moderna, estranha gloria,
Não vos offusque o brilho: a patria vossa
Alto, nobre, lugar ganhou na historia,
De que nação nenhuma a desapossa:
Acções mais dignas de immortal memoria,
Que feitos mil e mil da gente nossa
Não as conta outro povo. He parvo, ou louco,
Quem ter tão nobre patria estima em pouco.

Com magoa a vemos decadente agora...
Esp'rança della sois — sereis esteio:
Da discordia, e cobiça os damnos chora;
A' cobiça, á discordia, ah! ponde hum freio.
Mãi de Christãos heroes, foi grande outrora:
Venha a se-lo outra vez por vosso meio:
A' fé que os animou deveu tal brilho:
Esforce-vos a fé: segui seu trilho.

BOSQUEJO

HISTORICO-POETICO.

CANTO I.

I

Novo cantor da patria ascenda ao Pindo,
A celebrar seus fastos se abalance,
E de ficções a historia revestindo,
De segundo Camões renome alcance:
Eu, tão só da verdade a luz seguindo,
Folgo indicar n'hum rapido relance,
Sem que chame em auxilio Apollo, as Musas,
Luso, aos filhos de Lysia, as glorias Lusas.

II

Da derradeira Hesperia o solo ameno,
No extremo occaso (Portugal agora)
Onde em seus mimos, sob hum céo sereno,
Competem entre si Pomona, e Flora,
Lusitania chamou-se. O povo Peno,
Que sulca, afouto, o mar, terras explora,
Em região tão rica, e tão fecunda,
Dilata o seu poder, colonias funda.

III

Eis que as aguias de Roma, ao Peno infestas,
Vem, sedentas de sangue, ao clima Hispano...
A Carthago tu, Lysia, auxilio prestas,
Causa á Lacia nação de immenso damno.
Após tres luctas horridas, funestas,
Succumbe emfim o barbaro Africano:
Roma, qual soberana, em alto solio,
Ao mundo dicta leis no Capitolio.

IV

A Lysia as dicta em vão. Do monte Herminio
O pastor Viriato, escuro e pobre,
Por tres lustros resiste ao seu dominio,
Sem que jámais seu animo soçobre.
Assim, ó Roma, o barbaro assassinio,
Obra de teu pretor cobarde e dobre,
Na longa lide em que o vigor esgotas,
Pagas, com justa pena, em cem derrotas.

V

Sempre afeito a vencer, morde-se, e brame,
De raiva insano, o tumido Latino,
Pelos Lusos vencido, embora clame,
Que he prole illustre do immortal Quirino.
Esquece o brio antigo em tal certame,
Teme arrostar as furias do destino.
Quem julgar-se ousará mais forte e sabio
Que Unimano, e Pompeu, que Plaucio e, Fabio?

VI

« Viriato se immole. » Infames braços
Cravam trédos punhaes no inerme peito,
Quando o heroe, dando folga aos membros lassos,
Jaz, immerso no somno, em duro leito.
Mas embora os mais graves embaraços
Suscite á nobre causa o torpe feito,
Da Italia, em breve, singular reforço
Chega, opportuno, ao Lusitano esforço.

VII

Entre os Lusos, Sertorio, em raiva acceso,
Latino, contra o Lacio as armas vibra:
Sustenta do commando o grave peso,
E as mais dispares forças equilibra.
Contra a Lusa nação, quasi indefeso,
Na traição o Romano emfim se libra;
A's mãos de hum vil sicario, em nobre sala,
O proscripto guerreiro o alento exhala.

VIII

Morto o bravo caudilho, em pranto, em lucto,
Fica Lysia infeliz, e a Hespanha inteira,
Que vê d'esforços mil perder-se o fructo,
Bem que inda lucte, intrepida, guerreira.
Até que Octaviano, audaz, e astuto,
Póde ganhar victoria derradeira,
Dos povos, que pungia a prisca injuria,
Com brandos modos desarmando a furia.

IX

Então por cinco seculos, submissa,
Paga tributo a Roma a Lusa gente:
A Roma, que com barbara injustiça
O mundo opprime, altiva e prepotente:
Mas ao seu fasto, e sordida cubiça,
Chega o termo fadado. O Omnipotente,
Tanto orgulho e furor mais não soffrendo,
Manda ao povo oppressor castigo horrendo.

X

Varios em lingua, e leis, em crenças varios,
Boreaes povos, de indole ferina,
Excita á lucta (asperrimos contrarios)
De Roma em damno, a colera divina.
Eis ameaçam, brutos, sanguinarios,
Aos Lacios muros ultima ruina,
Vingar fazendo assim vetustos planos,
Godos, Suëvos, Vandalos, Alanos.

XI

La da gelida terra Escandinava
Vem o imperio assaltar com furia infrene:
Ei-los na Hespanha já, qual ignea lava,
Descendo os altos montes de Pyrene!
Roma despota fôra, agora escrava
Quer o céo vingador que gema e pene,
Vendo do seu poder o grão colosso
Desfeito em pó, com misero destroço.

XII

Mas se o prisco poder, fulgor profano,
Perdeste, ó Roma de Quirino, e Numa,
Exerces hum poder mais do que humano
Hoje, ó Roma Christã, com gloria summa.
Em ti tem fixa séde o soberano
Pastor da grande grei, que é santa e huma,
E assim te posso, afouto e verdadeiro,
Metropole chamar do mundo inteiro.

XIII

O pugnaz invasor, na Hesperia abranda,
A pouco e pouco, os barbaros costumes,
E deixada de Ario a seita infanda,
Da pura fé recebe os claros lumes.
Quasi esquecidos de uma e de outra banda
Figadaes odios, pristinos ciumes,
De paz e affecto vinculo sincero
Une o Godo feroz, e o bravo Ibero.

XIV

De discordias civis fatal resulta!
Nova cruenta guerra Hespanha assola:
De Rodrigo a ambição não fica inulta,
Julião ao seu odio a patria immola.
Co'a nefanda traição a Libya exulta,
A bandeira do Arabio já tremola
(Que horror!) após terrificas batalhas,
Derribada a da Cruz em cem muralhas.

XV

Toda a trahida Hespanha as leis recebe
Dos sectarios do falso impio propheta:
Só para resistir eis se aperbece
Pelaio, da fé sancta insigne athleta.
Na mente a heroica empreza, audaz, concebe,
Infatigavel tende á nobre méta;
Arma-se, « ás armas » brada, e nas Asturias,
Rebate, Rei Christão, as Mauras furias.

XVI

Ao som da rouca tuba, em toda a parte
Arma-se a grei Christã, prodigios obra:
Da Cruz ovante ao inclyto estandarte
A cerviz, vezes mil, o Mouro dobra.
Outras, resiste impavido, e dest'arte
Não larga a preza opima, alentos cobra:
Seculos dura a lide, e se propaga
Mais e mais, e de sangue a Hesperia alaga.

XVII

Mas protege os Christãos favor celeste!
Surge na terra Hispana Estado novo,
Que a prol da fé, Senhor, crescer fizeste,
Qual d'arvore vivaz feliz renovo.
Embora Africa toda auxilio preste
Ao Sarraceno Hispano, o Luso povo
Vai vence-lo, e plantar de Deos bemquisto,
Té nos confins do mundo a Cruz de Christo!

XVIII

O Borgonhez Henrique ao solo Hesperio
A lança vem brandir. Guerreiro invicto,
Da Maura gente em damno, em vituperio
Longo sustenta, asperrimo, conflicto.
Governa o Sexto Affonso o Hispano imperio,
E em premio a tal valor, com santo rito
Quer que o famoso heroe se una a Tareja,
E, Conde, Portugal conquiste e reja.

XIX

Do que assim houve illustre senhorio
Em breve Henrique os terminos dilata:
Continuo afronta o Mauro poderio,
Castellos, hostes, rende, e desbarata.
Nem menos que bellaz, devoto, e pio,
De Christo o grão sepulcro, humilde, acata,
E ao Redemptor que alli jazera outr'ora,
Entre a turba fiel, prostrado, adora.

XX

Affonso Henriques toma em tenra idade,
Maugrado á mãi, a summa governança,
Firma da patria a plena liberdade,
E contra o fero Mouro empunha a lança.
Heroico campeão da Christandade,
Em mystica visão, ditoso, alcança
Do divinal favor certeza expressa,
E em prol do novo reino alta promessa.

XXI

Posto o Mouro em Ourique em plena rota,
He proclamado rei com lédo auspicio:
Das Quinas o brazão no campo adopta,
Da visão, da victoria, ao mundo indicio.
Aporta á foz do Tejo amiga frota,
Não perde Affonso ensejo tão propicio,
Aos muros de Lisboa o cerco aperta,
E após renhidas luctas, os liberta.

XXII

Na Estremadura, então, succumbe e cede
Em toda a parte o barbaro Agareno:
Pouco resta ao sequaz de Mafamede
Na região álem do Tejo ameno.
Na guerra, sem descanço, o Rei procede,
Resgata o Transtagano almo terreno,
E faz alli nos muros, e campinas,
A bandeira ondear das santas Quinas.

XXIII

A prol do novo Lusitano estado
Vivas preces ao céo Bernardo envia,
E desde Claraval ao Rei soldado
Na nobre e santa empreza esforça e guia.
Pastora entanto hum inclyto Prelado
A Braccharense grei zelosa e pia —
Godinho — e faz que em nada então desdiga
Do seu fulgor primeiro a Séde antiga.

XXIV

Benigno, sobre Affonso o Ceo derrama
De sua graça influxos salutares:
Em santo zelo, grato, o Rei se inflamma,
Sacros cenobios funda, erige altares.
Exalta em toda a parte a voz da fama
Do grão Monarca os feitos singulares;
Porem firmeza na ventura humana
Quem se atreve a esperar, quanto se engana!

XXV

Seus erros juvenis Affonso expia,
Com viva dor, nos annos já maduros.
Vencido e preso, em aspera porfia,
De Badajoz o vêem os altos muros.
Mas quando o filho, intrepido, auxilia,
Prestes novos tropheos eis tem seguros:
Descerca Santarem, e em breve espaço,
Colhe virente palma o velho braço.

XXVI

Então o resto de teus cheios dias
Passas, Affonso, em paz, e no retiro,
Todo em santas acções, em preces pias,
Em quanto o sol perfaz hum annuo gyro.
Com dor geral do povo que regias,
Emfim exhalas o ultimo suspiro,
Lá donde se ouve, em placido socego,
O brando som das agoas do Mondego.

XXVII

Do fundador da Lusa monarchia
He consorte feliz, gentil Mafalda,
Que bem, aqui, de encomios merecia,
Em doces versos flórida grinalda.
De seus dotes a fama a Europa enchia:
Expectação tão alta se não balda.
Salve, prole Sabauda! Astro benino
Fulge em Lysia ao asceta, ao peregrino!

XXVIII

Justo não he, que, por ingrato olvido,
Aqui de alguns heroes os nomes cale,
Cujo valor concorre em gráo subido
Para que Affonso tanto se assignale.
Em lealdade, e esforço esclarecido,
Egas Moniz, quem ha que a ti se iguale?
Livraste o teu Senhor: comtigo á morte
Offertas, prompto, os filhos, e a consorte.

XXIX

Quem nas ondas, pugnando em santa lide,
Dá do Luso valor primeiro exemplo?
He Roupinho, que igual ao grão Pelide
No mar, na terra, attonito contemplo.
Queimara a Maura frota, o Ceo decide
Dar-lhe paz perennal no eterno templo:
Por seu Deus, por seu Rei, vertendo o sangue,
Na destroçada náo succumbe exangue.

XXX

Pois de ti que direi, que a fama antiga
De Codro, Decio, e Cocles, escureces,
Martim Moniz, que na tremenda briga,
Em sacrificio á patria te offereces?
Já no Castello o Mouro não se abriga,
Surdo foi Mafamede, ao voto, ás preces...
Se o guerreiro tropel teu corpo esmaga,
Tens do feito sem par no Empyreo a paga.

XXXI

Nem he menos razão, que ufano aponte,
Entre os brazões de Lysia, o Luso vate
Hum varão (qual Moisés no excelso monte)
Que orando os seus esforça, o imigo abate.
Em Leiria os Christãos embora afronte
O Mouro — eis vem Theotonio — em cru combate
O vence — Arronches toma, e ao mundo espanto
Causa, guerreiro, o Sacerdote santo.

XXXII

Cognome honroso, que durou na historia,
Deu-te, bravo Gonçalo, a marcia lida,
Que em buscar nobre preza, alta victoria,
Toda gastaste a trabalhosa vida.
Em Evora por ti não menos gloria,
Giraldo Sem pavor, he merecida:
Por destemor igual, feitos diversos,
Pobre feudo aceitai de toscos versos!

XXXIII

Cingida a fronte de virente louro,
Que nas campinas Beticas ceifara,
Ascende Sancho ao solio, e o fausto agouro
Confirma, heroe, qual antes se mostrara.
Com Germanico auxilio arranca ao Mouro
Silves, forte cidade, antiga, e clara:
A fama que seu nome eleva ao polo,
Povoador o diz do patrio solo.

XXXIV

Mais do que este brazão, ditoso torna
Sancho Primeiro a prole feminina,
Sobre a qual os seus dons profusa entorna
A, que tudo governa, Essencia Trina
A Mafalda, e a Thereza a fronte adorna
Regia corôa — a Sancha outra mais dina —
A de esposa de Christo — e as tres festeja
Nos altares, devota a Lusa Igreja.

XXXV

Eis, triplice flagello, a Lusa terra,
Mudada a sorte, subito devasta:
Em damno seu, a peste, a fome, e a guerra,
Fazem contra os fieis liga nefasta:
Do Algarve occupa o Mouro o prado, e a serra,
Emvão o Luso o passo lhe contrasta;
Mas prestes em Thomar, em Torres Novas,
Dão de esforço os Christãos brilhantes provas.

XXXVI

Debalde os reis de Cordova e Sevilha
Tentam o assalto de seus altos muros:
Alli do moço Affonso o valor brilha,
E o siso proprio de annos mais maduros.
O Sarraceno emfim se rende, e humilha,
E os Christãos deixa ufanos e seguros:
Sancho, vendo cessar tantos flagellos,
Volta ás artes da paz os seus desvelos.

XXXVII

Aldonça ou Dulce, Catalã Princeza,
Ao thalamo de Sancho o Céo destina;
Nella a par da mais florida belleza
Brilhar se vê virtude peregrina.
Soccorrer, meiga, a misera pobreza,
Sempre implorar a protecção divina,
Em féra crise, em placido socego,
He da vida de Dulce o doce emprego.

XXXVIII

Eis o Segundo Affonso o sceptro toma,
E á gente Hispana, em horrido perigo,
Prompto soccorro manda, e a furia doma
Na propria terra ao barbaro inimigo.
Alcacere do Sal, que de Mafoma
Prestar soe ao sequaz seguro abrigo,
E donde elle os Christãos assalta e offende,
Com Batavo reforço oppugna e rende.

XXXIX

Nesta illustre facção palmas ceifaste
Em defensão da fé, nobre Sueiro:
Para louvar-te não ha voz que baste,
Christão pastor, pontifice guerreiro.
Mais de hum rei mouro embora te contraste,
E em soccorro dos seus corra ligeiro,
Alcacer cahe, e em turbida desordem,
O solo os infieis aos centos mordem.

XL

De leso amor fraterno a fama argue
Affonso, que não pouco assim deslustra
Os generosos dotes que possue,
Com que no marcio ardor seu nome illustra.
As inclytas irmans da herança exclue,
E só temor em parte o intento frustra,
Que o Leonez se oppõe altivo e bravo,
E Roma o força ao justo desaggravo.

XLI

Assim de Affonso os dotes soberanos
Da cubiça desluz o torpe effeito;
Do escandalo porem compensa os damnos,
Defensor da virtude, e são direito.
Numerosas promulga em poucos annos
Próvidas leis em publico proveito,
Fructo do acordo unanime, e sincero,
Entre o monarca, os proceres, e o clero.

XLII

Acordo que depois, por desventura,
Entre o severo Affonso, e o clero altivo,
Qual devera durar, firme não dura,
Antes se rompe por fatal motivo.
Do Braccharense a rigida censura
Dá de Affonso ao furor novo incentivo:
Honorio, de mór damno emfim presago,
Congraça, a custo, em Lysia o sceptro, e o lago.

XLIII

Ramo Augusto do tronco de Castella,
Desposa Urraca o Luso rei terceiro:
Tanto a Esposa he leal, piedosa, e bella,
Quanto o Consorte he intrepido, e guerreiro.
Do Seraphim de Assis, que ardente anhela
Por converter a Deos o mundo inteiro,
Hospicio aos filhos dá. Serena e forte,
Prevista a fatal hora, encara a morte.

XLIV

Da metropole Lusa amparo, e gloria,
Antonio, a quem devoto o mundo admira,
Qual outro heroe na Lusitana historia,
Mais pasmo exita, mais respeito inspira?
Permitte, que ao fazer de ti memoria,
Humilde aqui te invoque a minha lyra,
E do segundo Affonso a dita exalte,
Sob quem déste á patria o mór esmalte.

XLV

Padua que seu, sem jus, folga chamar-te,
De possuir teus ossos se gloria:
Em ti (que hes filho seu) tem baluarte
Firme, seguro a Lusa monarquia:
Mas não só nella, e em Padua, em toda a parte,
Por tuas santas preces e valia,
(De raiva vos mordei monstros estygios)
Obra o Senhor innumeros prodigios.

XLVI

Sancho Segundo occupa o Luso throno,
Perdeo-o porém depois, julgado indino:
Não se entrega da inercia ao molle somno,
Como affirma, fallaz, rumor malino.
A terra Transtagana em seu abono
Recorda acções de esforço peregrino;
Mas corruptos privados não sopêa,
E, expulso, busca asylo em terra alhêa.

XLVII

Nella, a principio, com as furias arca,
Intrepido varão, do fado adverso,
Vida vive depois austera e parca,
A' celeste mansão todo converso.
De lealdade ao misero monarca,
Dignos de alto louvor em prosa e em verso,
Vencendo riscos mil, fadigas, peitas,
Dais nobre exemplo então, Pacheco, e Freitas.

XLVIII

E não menos de esforço illustres provas
Dás, Corrêa immortal, no Algarve oppresso,
Quando lucta sanguina alli renovas,
Contra o Mouro, a quem damna o teu regresso.
Fôra arrojo cantar nas minhas trovas,
Tanta peleja, e prospero successo,
O' Luso Josué, que assim te acclama,
Teus portentos narrando, a voz da fama.

XLIX

Do estado, após a turbida procella,
Affonso o Bolonhez dirige o leme:
Vendo quanto a justiça acata e zela,
O bom vassallo folga, o impio treme.
O Mouro, a quem no Algarve o rei debella,
Ou foge, ou curva o collo, e escravo geme:
Lysia então não vê mais nas torres suas
O profano pendão das meias luas.

L

Nem só no reino avito ás hostes Mauras
Faz curvar a cerviz, raio de guerra:
Por seu auxilio a capital restauras,
Bravo Fernando, da Vandalia terra.
Da fortuna aproveita as brandas auras
Affonso, e em solo alheio encalça, aterra,
De Agar os netos, tremulos, confusos,
E volve, ufano, e ovante, aos lares Lusos.

LI

Grave stigma (inda mal!) severa e justa
No nome deste rei a fama imprime,
Que entre os grandes heroes da estirpe augusta
Lugar lhe faz haver menos sublime;
Mathilde quantas lagrymas te custa
Da ingratidão do esposo o torpe crime!
Por Brites, cujo pai convem-lhe amigo,
Esquece o nó sagrado, e affecto antigo!

LII

Debalde o grão Pastor, a voz alçando,
O novo enlace adultero condemna —
Depois, morta Mathilde, aos rogos brando,
O valida e remitte a justa pena.
Ditoso exerce Affonso o regio mando;
Mas eis que após a dita e a paz serena,
Vê no solo feliz da Lusitania
Brotar, crescer, pestifera zizania.

LIII

Queixa-se o Clero, e clama em altos brados,
Que o monarcha he tyranno, e opprime a Igreja;
Auzentes chora Lysia os seus Prelados,
Roma exhorta, ameaça, e em fim troveja:
Conselhos vãos! Anathemas baldados!
Resiste o Rei, que de ceder se peja:
Só no leito da morte as iras doma,
E curva o collo altivo, ás leis de Roma!

LIV

No reinado de Affonso eximio troço
De bravos e de heroes brilha, e campêa:
Qual entre estatuas cem éneo colosso,
Avulta entre elles immortal Corrêa.
Presago o Mouro de fatal destroço,
Após tanta derrota, ao ve-lo, arêa:
Na Hispalica facção, com feitos grandes,
Incute igual terror Martim Fernandes.

LV

Do quinto Rei do povo Lusitano
Brites segunda esposa exemplo claro
He de amor filial. Se torpe engano
Cumplice a fez de injusto desamparo;
Busca a falta expiar, lamenta o damno,
Dos orphãos de Ulyssêa he doce amparo,
E deixa, usando assim de seus thesouros,
Illustre nome aos seculos vindouros.

LVI

Diniz, filho de Affonso, hymnos merece
Que em Lysia a hum novo Alceu inspire a Musa:
De principes juiz, estabelece
Leis de paz que cumprir nenhum recusa.
Por fundador, ufana, o reconhece
Do Alcaçar de Minerva a Athenas Lusa;
E a par deste brazão que tanto o exalta,
O de *Rei Lavrador* seu nome esmalta.

LVII

De outro laurel Diniz a fronte cinge,
Funda e sagra a Jesus milicia nova,
Que á do Templo succede, e as armas tinge
De sangue, e dá de si fulgente prova:
Que na paz, d'outra gloria ao cimo attinge,
Com que o prisco fulgor em si renova,
Pois se cumprem por ella altos desenhos,
Sulcado o pégo immenso em frageis lenhos.

LVIII

Salve Isabel, que ao throno lusitano,
Esposa de Diniz, dás mais fulgores!
Em vão tenta exercer para teu damno
Negro genio do mal os seus furores.
Descobre o justo céo o torpe engano,
Convertendo alvos pães em frescas flores:
A virtude triumpha, espuma e brame
A vencida calumnia, atroz e infame.

LIX

Termo outr'ora puzeste ás feras iras
Entre o rebelde Principe invejoso,
E o Rei, esposo teu, que armado viras
Para o filho punir, com causa iroso.
Anjo de paz, os animos uniras;
Influxo agora tens mais poderoso,
Agrilhoado o monstro da discordia,
Faze entre nós reinar doce concordia!

LX

Do Quarto Affonso as inclytas proezas
Agradecida exalta a Hispana gente,
Que deve em parte ás forças Portuguezas
Do Salado a victoria refulgente.
Desluz o Rei tão nobres gentilezas,
De barbaro rigor vencida a mente,
Quando deixa cravar da linda Castro
Féros punhaes no seio de alabastro.

LXI

Do Principe lograva ardente affecto
(Já no sepulcro a misera Constança)
A semventura Ignez. Com turvo aspecto
Inveja a mira, e jura atroz vingança...
Castro, ouvindo o lethifero decreto,
Aos pés de Affonso, tremula se lança,
Co'os filhinhos gentis piedade implora,
Mulher, esposa, e mâi, supplica, e chora.

LXII

Abalado, movido, Affonso escuta
Da afflicta dama os rogos derradeiros:
A compaixão sopeia, em grave lucta,
Da ira cega os impetos primeiros.
Ignez ousa esperar... Com sanha bruta
Vem saltea-la monstros carniceiros...
Ella, sem que uma queixa então profira,
« Meu Deus ! meu Pedro ! » exclama, e exangue expira.

LXIII

Logo (pena talvez d'erros antigos)
Affonso vê romper guerra intestina:
Vingar-se Pedro quer: não vê perigos:
Leis não acata, freme e desatina.
No meio em fim dos campos inimigos
Brites á paz os animos inclina:
Interpôe preces, pranto, e não socega
Té que amansa do filho a furia cega.

LXIV

Do bravo Affonso esposa, ao desvalido
Brites consagra maternal affecto,
Afouto o pobre a busca, é soccorrido
Sempre acha nella compassivo aspecto
Soberana feliz ! que vê cumprido
Seu desejo, vencida a dira Alecto,
Quando, com modo emprega austero e brando,
Rainha, esposa, e mãi, o rogo, e o mando.

LXV

Pedro, esposo infeliz, de Affonso herdeiro,
Vinga, logo que empunha o regio sceptro,
Da cara Ignez a morte, que primeiro
Deplorou, saüdoso, em flebil metro.
Affavel, generoso, e justiceiro,
Se dos sons d'aurea lyra, eburneo plectro,
Acções dignas não faz, nas marcias lides,
De monstros livra a terra, he Luso Alcides.

LXVI

Com atroce rigor os réos castiga;
Mas da justiça he defensor e esteio,
E assim apaga, em parte, a nodoa antiga,
De não ter posto á ira um justo freio,
Quando á viva paixão que o move, e instiga,
Dando soltas, punira o crime alheio,
Pondo por cego, insano, desafogo,
O não culpado reino a ferro e a fogo.

LXVII

Mais formoso, que bravo, e que discreto,
Reina após pedro o prodigo Fernando,
Cuja ambição fatal, e vão projecto,
Ao povo causa estrago miserando.
De Castella rival, sempre inquieto,
No governo dos seus remisso e brando,
Com as mais sanctas leis não tendo conta,
Faz a nobre vassallo atroz afronta.

LXVIII

Mas não he seu reinado em tudo infesto
A' sã moral, á publica ventura:
Para freio do máo, louvor do honesto,
Instaura, justo, salutar censura.
Aos proceres denega um jus funesto,
Que impunidade aos dyscolos segura,
O vil ocio, que o povo e os reis desdoura,
Punindo, anima a próvida lavoura.

LXIX

Nem fallecem a Lysia, exhausta, afflicta,
Quando mais arde a guerra, e os seus flagellos,
Filhos heroes, que na geral desdita
Sejam de esforço fulgidos modelos.
Debalde um terno affecto o peito agita—
De Faria, e de Paes — Lusos castellos
Resistem, e ao da patria amor superno,
Cede, e á fé dada ao Rei, o amor paterno.

LXX

A Fernando desaire, á patria damno,
Leonor Telles sobe ao regio thoro:
Fatal belleza accende affecto insano,
Brilha, qual fulge infausto meteoro.
Telles, vencido o fraco Soberano,
Chama, calcando as leis, e o seu decoro,
Sobre o reino infeliz do crime a penâ,
Qual sobre Troia e Grecia a Argiva Helena.

LXXI

O Primeiro João na Lusa terra
Sobe ao throno por triplice direito:
O sceptro dão-lhe, o sangue, o jus da guerra,
E o povo, que decide o grande pleito:
Toda a força de Hespanha o não aterra,
(De Aljubarrota o diga o nobre feito)
Vence, e dada ao Ibero a justa pena,
Firma no reino avito a paz serena.

LXXII

Quem tal lucta lembrando, o nome pode
Em silencio deixar do grão Pereira,
Que então (e sempre) invicto, á patria acode
Bravo dos bravos na sazão guerreira?
(Que por fim, como quem de si sacode
O pó de longa, turbida, carreira,
Despe a loriga, e envolto em pobre manto,
A Deos só quer servir asceta e sancto?)

LXXIII

Com Nuno o grande rei, fendendo as vagas,
Vai saltear na Lybia o Mauritano:
Ceuta soberba, nas ardentes plagas,
Curva a cerviz ao jugo Lusitano.
Sulcar sob o pendão das sanctas Chagas
Eis manda Henrique o tumido oceano,
E assim as bases lança a regia prole
Do Luso Indico imperio á ingente mole.

LXXIV

Ramo illustre, immortal, de excelso tronco,
Da patria o mór brazão, ditoso Henrique,
Que povo a terra habita, inculto e bronco,
Onde a fama teus feitos não publique?
A rudeza do engenho, o ingrato e ronco
De minha vós, me tolhem que dedique
Hymnos a ti. Seu voo aos astros alce
Futuro Homero, que teu nome exalce.

LXXV

Em Sagres, douto astronomo profundo,
De futeis cortezãos fugindo o trato,
Fundaste eschola, proveitosa ao mundo
Mais que a Stoa, o Lyceu ou Peripato.
A teu alto valor, genio fecundo
Terás cantor sublime. O Luso grato
Alli, donde tal luz então raiava,
Hoje em simples padrão teu nome grava.

LXXVI

Sob os auspicios teus, o pégo undoso
Sulcam novos Jasões que o mundo admira,
Mais que o rei da Thessalia aventuroso
Dignos d'epica tuba, Ismenia lyra.
O Euxino elle assoberba, e cubiçoso
O véllo de ouro a conquistar aspira:
Elles chegam, sulcando os mares largos,
Mais longe vezes cem que a immortal Argos.

LXXVII

Commettem mór empreza, e os não vigora
Certeza de hum thesouro, em risco tanto.
Eis que velejam já de foz em fora...
Corre em terra dos seus o amargo pranto.
Ide, nautas heroes! Da roxa aurora
O berço outros verão. Mostrai em tanto
A' patria, ao mundo, infindas maravilhas,
Novas no campo equoreo amenas ilhas.

LXXVIII

Perestrello, Cabral, Teixeira, e Zarco,
Applaude o vosso arrojo a Europa inteira.
Por fabula julgado o Herculeo marco,
Muito alem floreas Lusa bandeira.
Ignota a Ptolemeo, Strabão, Hipparco,
Lusa colonia é já gentil Madeira:
Dobrado o Bojador, he justo, Eannes,
Que da empreza feliz, lédo, te ufanes!

LXXIX

Filippa de Lencastro em cujas veias
Gyra d'inclytos reis sangue Britano,
Pizas do Douro as rubidas areias,
Depois que cede ao Luso o povo Hispano.
De todos o respeito e amor grangeias,
E ind'hoje te proclama o Lusitano,
Do Primeiro João consorte dina,
Mãi de prole em valor quasi divina.

LXXX

Duarte da facundia á illustre palma
Tem jus, e á do saber profundo, e vario,
Mas então da fortuna o vento acalma,
Ou antes, sopra rijo a nós contrario.
Nada val siso, ardor, grandeza d'alma,
Em Tanger contra o barbaro adversario,
Quando pelo arrayal que salvo fica,
Fernando, o santo heroe, se sacrifica.

LXXXI

Do inclyto Infante as barbaras cadeias
Embalde, ó terno irmão, quebrar anhelas,
Penar o vês nas Lybicas areias,
Martyr da sancta fé, que attento zelas.
A custo a magoa atroz no peito enfreias,
E (estimulo á virtude, e ás acções bellas),
No estudo contra a dor buscando asylo,
Dictas maximas d'ouro em nobre estylo.

LXXXII

Se, como rei, Duarte he desditoso,
Logra, ao menos, domestica ventura,
Que esposa o ceo lhe dera generoso
De raro siso, engenho, e formosura.
Leonor chora em breve o regio esposo
Roubado ao reino, e á conjugal ternura,
E sem que o doce a prenda amor materno,
Volve triste, e queixosa, ao lar paterno.

LXXXIII

De Affonso em nome, intrepido, governa
Pedro por lustros, dois com raro siso,
E a grande gloria não desluz paterna,
No bem fundado publico juizo:
Mas torpe enredo de discordia interna
Torna-o suspeito ao rei com falso aviso:
Elle que a defender-se, armado, corre,
Reputado traidor, combate e morre.

LXXXIV

Em vão de Affonso a esposa, a terna filha
Do Infante Pedro, lagrymas derrama,
Em vão suspira, e roga, em vão se humilha,
Quando frustrar procura a iniqua trama.
(Da virtude Isabel seguindo a trilha,
De sancto amor se abraza em viva chamma,
E, do aurifero Tejo as margens, ergue
Para ascetas christãos sagrado alvergue).

LXXXV

Das patrias leis o codigo primeiro,
Sendo Affonso inda infante se promulga,
Recta norma ao juiz, que justiceiro,
Por elle sem perigo as causas julga.
Com applauso geral do reino inteiro
Subito a fausta nova se divulga,
Que sabias leis o povo em mais estima
Que esplendida victoria, ou preza opima.

*

LXXXVI

Na Libya o Quinto Affonso a lança enrista,
E sem igual na bellica braveza,
Arzila, Alcaçar, Tangere, conquista,
Novos tropheos da gloria Portugueza:
Mas em Toro he forçoso que desista,
Mao grado ao seu valor, da altiva empreza;
O sceptro deixa, e a patria, e emfim de novo
Volve a reger monarca o Luso povo.

LXXXVII

Mostra assim neste Rei, na paz, na guerra,
Seu genio instavel a fugaz fortuna:
Corôa o seu valor na Maura terra —
Suas velas, galerno, o vento enfuna —
Mas de dita maior lhe as portas cerra:
Que ao sceptro proprio estranhos sceptros una
Estorva, e frustra, com total mudança,
De Affonso a dupla, altissima esperança.

LXXXVIII

Fernando de Aragão da esposa o priva,
Priva-o do throno excelso de Castella:
Joanna, que o perdeu, geme captiva
De Franciscano claustro em triste cella.
Do Luso Rei consola a magoa viva
A filha, angelical, sancta donzella,
Joanna, em caridade, e ardente zelo,
De esposas de Jesus mestra, e modelo.

LXXXIX

Já da luz do saber, fulgente, assoma
O crepusculo em Lysia. A' gente Lusa
Seus thesouros revela a antiga Roma;
Pule-se a lingua barbara e confusa:
De Octavio o nobre exemplo Affonso toma
Com prazenteiro rosto, e mão profusa,
Acolhe o sabio, e anima ao desempenho
De illustre empreza hum desvalido engenho.

XC

Luso Osymandias, busca e ajunta, ufano,
De escriptos immortaes rico thesouro,
Mais prezados do douto soberano
Que perlas, que rubis, que metal louro:
Assim prepara ao povo Lusitano
Das lettras, e saber, a idade d'ouro,
E desde já consagra em seu palacio
Culto ás Musas gentis do antigo Lacio.

XCI

O segundo João em gloria, em dita,
Poucos reis tem iguaes nos fastos Lusos:
De hum poder oppressor o jus limita,
Fonte fatal de innumeros abusos.
Faz que em sertões da Libya a Cruz bemdita
Proscreva os cultos vãos, os feros usos,
E dá, dobrado o Cabo Tormentorio,
Fausto nome ao temido promontorio.

XCII

Alvo do atroz rancor de seus magnates,
A quem tolhe o poder, o fasto humilha,
Vence, feliz, as tramas, os embates,
E a vereda encetada, ousado, trilha.
Qual bravo heroe nos horridos combates,
Qual modelo de reis na historia brilha;
Mas seus feitos a fama exalte embora,
Feia nodoa de sangue os desprimora.

XCIII

Parte, juiz, executor, castiga
João, por modo atroz, atroz offensa,
Depois que com disfarce o reo obriga
Contra si mesmo a proferir sentença:
Já, por suspeita de rebelde liga,
Sem que prova cabal disso o convença,
Padecera (infeliz!) com peito forte,
O Brigantino Duque afronta e morte!

XCIV

Imperando João, lançam semente
Do eloquio divinal, cultores pios,
Com indefesso ardor na Libya ardente,
Ferteis tornando os safaros baldios.
Nem esquece entretanto a Lusa gente,
Nos horrores da guerra, os marcios brios,
E a fama antiga assim confirma, e alarga,
Em Alcacar-Quibir, Caniça, e Targa.

XCV

Borba, Menezes, Tavora, aos vindouros
Deixam exemplos de immortal bravura;
Alvo das settas dos ferozes Mouros,
Alçam a fronte intrepida e segura.
Nem a lembrança dos ceifados louros
Ha de envolta ficar em noite escura;
Já fazem dos heroes memoria dina
Azurara, Galvão, Rezende, e Pina.

XCVI

Em quanto assim o esforço Lusitano
As Mauras forças n'Africa debella,
Da dor mais viva ao Luso Soberano
O peito assalta subita procella.
Affonso o filho seu que brinca ufano,
Nimio audaz corredor, perdida a sella,
Perde nos braços seus (fatal corrida!)
Mancebo, em choça humilde, a esposa, e a vida

XCVII

Em Leonor do Principe Perfeito
Esposa digna, angelica Princeza,
De nobres prendas rica a mente, e o peito,
He o menor dote a fulgida belleza.
Sente do zelo seu inda hoje o effeito
O exposto a quem faltou (fatal bruteza!)
Nos annos infantis, em proprio ninho,
Paterno amparo, e maternal carinho.

XCVIII

Eis Manoel no solio! Eis sublimado
Ao fastigio da gloria o Luso nome!
Eis chega o prazo a Lysia assignalado,
Em que estranhas nações descubra e dome.
Digno do grande Rei, por seu mandado
Nobre varão, de fulgido renome,
Ao remoto oriente, em fragil pinho,
Abre, primeiro, o incognito caminho.

XCIX

Afortunado rei, na mente abranges
Alta, duplice empreza, e ao cabo a levas.
A innumeras nações que banha o Ganges,
Por ti de Christo a luz dissipa as trevas;
E vencidas pagans, mauras, phalanges,
A tamanho poder teu reino elevas,
Que com applauso igual de reis, e povos,
Assumes, Rei de reis, ditados novos.

C

Nem só marcia facção, nautico apresto,
Noite, e dia, em teu animo revolves:
Reformas sabio as leis, e manifesto
Fazes que ao bem geral a mente volves.
Hum só acto te mancha, acto funesto!
De barbara expulsão na pena involves
Todo hum povo infeliz, sem mais delicto
Que cega obstinação no antigo rito!

CI

Igual fazes sentir rigor injusto
A' prole d'Ismael, que então submissa
No solo (outr'ora seu) viver sem susto
Só quer, ao fasto estranha, e á vã cubiça.
Monarca em tudo o mais clemente e justo,
Surdo á voz da piedade e da justiça,
De inico pacto ás leis prestando assenso,
E's causa ao povo teu de hum damno immenso.

CII

Oh! se dos fastos da inclyta Ulysseia
A pagina rasgar possivel fôra,
Em que nodoa lançou sanguinea e feia
Do fanatismo a furia assoladora!
Mas honra a Manoel, que não fraqueia,
Ao crime irroga a pena vingadora,
Novas scenas de horror, próvido, evita,
E d'Israel defende a prole afflicta.

CIII

Honra tambem em perennal memoria
A vós, de heroes ó pleiade brilhante,
A quem deve o fulgor de immensa gloria
O Rei descobridor, feliz, e ovante!
Lyra, ou tuba não ha, nem voz de historia,
Que quanto o mereceis vos louve e cante,
Varões que a patria adora, e o mundo acclama,
Dois Coitinhos, Cabral, Almeidas, Gama!

CIV

Mas entre os Capitães, que ás Lusas quinas
Dais por terra, e por mar, victorias cento,
Em acções de valor quasi divinas
Sois Pacheco e Albuquerque o mór portento.
Tu, Pacheco, em Cochim mortes fulminas,
Ao feroz Samorim frustrando o intento:
Que heroe ha que mais lide, e gloria merque
Dos seus em prol, que tu grande Albuquerque?

CV

Lustrosa armada esquipa, e ousado a leva
Com denodado arrojo á Libya ardente,
Jaime, duque immortal, que mais eleva
Da Brigantina estirpe a gloria ingente
A culpa expia assim de huma acção séva,
Rende Azamor, aterra a Maura gente,
Que igual temendo proxima ruina,
Lhe abre as portas de Tite, e de Almedina.

CVI

Perlas, ouro, rubis, em copia immensa,
O domado oriente ao Tejo envia;
Que mil bens, dadivoso, o ceo dispensa
Do Portuguez ao zelo, á valentia.
Propaga mais, e mais, de Christo a crença
O Rei nas plagas donde nasce o dia,
E de victorias cem colhendo o fructo,
A Deos primicias paga, e amplo tributo.

CVII

Assim o attesta a fabrica sagrada
Erguida á margem do sereno rio,
Donde sahira a aventureira armada,
Que hum novo mundo ao mundo descobrio.
Assim o prova a esplendida embaixada,
Cujas pompas com pasmo a Europa vio,
Quando Tristão levava ao Vaticano
Os ricos dões do Luso Soberano.

CVIII

Nem por victorias só, ditoso, brilha
Manoel, e por fulgida riqueza;
Do terceiro seu thoro, inclyta filha,
Maria, esmalta a gloria Portugueza;
Tu, de teu sexo lustre e maravilha,
Entre socias gentis, gentil Princeza,
Colhes, largando os feminis lavores,
Das Musas no vergel, froctos e flores.

CIX

A's Sigeias irmans, brazão eterno
Da franceza nação, da gente Hispana,
Iguaes o proprio e o merito paterno
Ganham favor na corte Lusitana.
E que outra em tempo antigo, ou no moderno,
Sabia matrona, Hellenica, ou Romana,
Pode em siso, e saber, nos dotes d'alma,
A Hortencia Castro contender a palma?

CX

Isabel, que perdera, em florea idade,
O desgraçado Affonso, o terno esposo,
Sobe do throno á summa dignidade,
A que a chama o monarca venturoso.
Sorte fatal da triste humanidade!
Da nova dita sua he breve o goso:
Ao dar á Hespanha inteira hum regio herdeiro,
Chega da vida ao termo derradeiro.

CXI

Estirpe Aragoneza e de Castella,
Maria ao Luso rei Afortunado
Se une, morta Isabel, não menos que ella
Digna desse a que sobe excelso estado.
Fecunda mãi de prole illustre e bella,
De virtudes Christans vivo treslado,
Quando he mais venturosa, e mais querida,
Após parto infeliz lhe foge a vida

CXII

De Manoel consorte derradeira
A's mais igual nos dotes soberanos,
He Leonor que da mortal carreira
O vê chegar ao termo em breves annos.
Do rei da Gallia esposa, oppõe barreira,
Quanto lhe he dado, aos Huguenotos planos,
E exhala, sem temer o fim postremo,
Hispana, em terra Hispana o alento extremo.

CXIII

Cada vez mais brilhar na paz, na guerra
Vistes, filhos de Lysia, a Lusa gloria:
Nação nenhuma entre as nações da terra
Lugar mais nobre conquistou na historia.
Todos os versos que este canto encerra
Gravai, ufanos, na tenaz memoria,
Que eu após breve folga ao thema rico
Volvendo, hum novo canto a vós dedico.

CANTO II.

I

Vimos té agora o povo Lusitano
Ao Romano poder, na prisca idade,
Com valor resistir mais do que humano,
Em defensão da cara liberdade.
Autonomo surgir, e soberano,
Vimo-lo após, em prol da Christandade,
E álem mar, vencedor, em climas novos,
Dictar leis desde o Tejo a estranhos povos.

II

Assim subiu ao cume da ventura,
Do ceo mimosa, a gente Lusitana:
Veio a descer depois, que pouco dura
(Sorte ás nações commum!) a dita humana.
Mas sempre a mesma em brio e na bravura
Resistiu firme á furia Castelhana,
Docil só (sacudindo o jugo alheio)
De seus Reis naturaes ao doce freio.

III

Igual na nossa idade, o Luso esforço
Se ostentou, nobre exemplo, ao mundo inteiro,
Contra as phalanges do soberbo Corso,
Sob o sabio, immortal, Anglo guerreiro.
Massena embalde pede em seu reforço
Cohortes mais e mais, por derradeiro
Chamem-lhe embora o *Filho da victoria*,
Cede ao Luso valor a terra, e a gloria!

IV

Se da senda directa ao fim proposto
Da patria o sancto amor causou desvio,
Após proemio tal, com novo gosto,
Da breve narração retomo o fio.
Assim, conforme o nobre presupposto,
A' virtude animando o Luso brio,
De nossos Reis e heroes, com grato enlevo,
Nobres feições a bosquejar me atrevo.

V

O Terceiro João, volvendo a mira
A's ferteis regiões da roxa aurora,
Presidios, armas, d'Africa retira,
Com que n'Asia o poder dilata e escora:
Nem a marcios laureis sómente aspira,
Da Santa Cruz a terra, attento, explora,
E n'hum solo introduz, deserto e inculto,
Gente, fabrico, leis, policia, e culto.

VI

Transatlantica terra, aos Lusos cara,
Deu-te sagrado nome o alto mysterio
Da humana redempção. Salve, preclara,
Ditosa região, florente imperio!
Hum sceptro paternal te rege, e ampara
(Exemplo singular nesse hemispherio)
E's livre, e o queres ser; mas vês sem susto
O prestigio, o'splendor, de hum solio augusto.

VII

Sempre mais em poder, riqueza, e lustre,
De Lysia amigo e irmão, cresce e prospera:
Nunca os esforços de teus filhos frustre,
Flagello das nações, discordia fera.
Escude-te o valor, a paz te illustre,
E em piedade pura, e fé sincera,
Entre os povos dos mundos, velho e novo,
Só, ditoso, te iguale o Luso povo!

VIII

De João no governo, ás Musas grato,
Novo brilho recebe a Lusa Athenas:
Quem das lettras se apraz no doce tracto,
No Lusitano Augusto acha Mecenas.
Ao estylo, á dicção, riqueza, ornato,
Dão engenhos subtis, fecundas pennas:
Seu reinado nas artes de Minerva
Da idade d'ouro o nome inda conserva.

IX

Nos jogos marciaes não menos brilha:
Pela fé, pela patria, obram façanhas,
Dos antigos heroes seguindo a trilha,
Novos heroes, em cercos e campanhas.
São de alto esforço ao mundo maravilha.
Sousas, Cunhas, Rolins, Pires, Saldanhas,
Limas, Silveiras dois, claros mil vezes,
Mascaranhas, Galvões, Cabraes, Menezes.

X

A par destes no esforço, inclyto infante
Luiz, esmalta o brilho á 'stirpe augusta:
Ao Cesar leva auxilio — armada ovante
Que he de Tunis terror na praça adusta —
Embora á summa alteza o não levante
Politica invejosa, ou sorte injusta,
Não sente que de um throno o fado o prive:
Mais claro que cem reis na historia vive.

XI

Altivolante espirito, devassa
Da região etherea o campo immenso:
Do nosso globo a portentosa traça
Continuo estuda com ardor intenso:
Depois, mimoso na celeste graça,
Despreza gloria vã, prophano incenso,
Castalia esquece, e Urania, e Dirce, e as Nymphas,
Do Siloé só bebe as sacras lymphas.

XII

Longo tempo depois feliz memora
Nobre engenho teus feitos singulares,
Castro, por cuja morte, afflicto chora
Mais de hum povo nos Indicos palmares.
Tal no oriente qual na Libya outr'ora,
Dio vais soccorrer, talhando os mares,
E dás, libertador, vingado o filho,
Ao nome Portuguez um novo brilho!

XIII

Destes, e outros heroes á ingente gloria
Dão realce afamados escriptores,
Inscrevendo no templo da memoria
De seu denodo os inclytos primores.
A gentil Musa que preside á historia
Já conta em Lysia fervidos cultores:
Quem ha que a palma entre elles não conceda
Ao Luso Livio, a Osorio, a Castanheda?

XIV

Lettras, sciencias, do supremo lume
Duplice facho, emanação celeste,
Qualquer povo, sem vós, em vão presume
O labéo evitar de inculto, e agreste.
Tal o Luso não é. Propicio Nume,
Após marcios tropheos quer que se apreste
Grecia, e Lacio, a emular nas nobres lides
Que hão dado lustre a Homero, a Tullio, a Euclides.

XV

Soltai na patria, prospera e tranquilla,
Lusos vates, ao canto as doces vozes:
A doce poesia o gosto instilla
Do *bello*, até nos animos ferozes.
O povo attento está: folga de ouvi-la
Na scena deplorar casos atrozes,
Plebeus baldões notar com vivas cores,
Cantar armas, heroes, o campo, as flores.

XVI

De Menandro rival, rival de Plauto,
Lustra Vicente a scena Lusitana:
Com chiste sempre novo, em farça, em auto,
Em comedia, recreia e o tempo engana.
Todos patentes faz (talvez incauto)
Os escondrijos da malicia humana:
He delicia dos seus, de estranhos pasmo,
A regia corte o diga, e o grande Erasmo.

XVII

Bem quisto do monarca, ao povo aceito,
Miranda, probo, culto, ingenuo, e grave,
De Platão Portuguez ganha o conceito,
Pela pura moral, dicção suave.
Os thesouros que encerra o sabio peito
Folga a todos abrir com aurea chave,
Sem que jamais do assumpto o tom desvaire,
Quanto escreve tem sal, siso, e donaire.

XVIII

O Flacco Portuguez, douto Ferreira,
O cothurno de Euripides calçando,
Sobre os palcos de Lysia a vez primeira,
Chora de Ignez o caso miserando.
Segue de Moscho a florida carreira
Bernardes, e descanta em som mais brando,
Affectos de zagaes, folguedos, magoas,
E do seu Lima as crystallinas agoas.

XIX

Eis já, fadado á negra desventura,
Cresce (Maro futuro) hum nobre infante:
A quem doou, munifica, natura
Lyra sonora, tuba altisonante.
Mancebo o claro engenho exerce, apura,
Não tardará que á patria, e ao mundo cante
Nymphas, o Tejo, os pastoris cuidados,
E « As armas e os Barões assignalados. »

XX

Outros, ao som da tuba, ao som da lyra,
Cantam armas, heroes, nymphas, pastores;
Canta infortunio atroz, ternura inspira,
Hum de nossos mais inclytos cantores.
Quem ouvindo não chora, ou não suspira,
Da crua sorte os barbaros rigores,
De que ao mundo deixou flebil memoria
Corte Real na miseranda historia?

XXI

Desdita á vossa igual a nossa idade
Não viu, nem vira o seculo vetusto,
Illustre par, que horrenda tempestade
Arremeçou da Libya ao solo adusto.
Dos Cafres alvo á bruta feridade,
Após fadigas mil, continuo susto,
Vós co'a prole adorada em fim consome
O frio, a calma ardente, a sede, e a fome!

XXII

Nem só caso tão misero relata
Corte Real, em lugubres accentos:
A jubiloso canto a voz desata,
De esforço celebrando altos portentos.
Deste canto a materia, aos Lusos grata,
Excita, inflamma, nobres sentimentos:
São incentivo a marciaes primores
De Dio, ind'hoje, os bravos defensores.

XXIII

No amor da fé catholica incendido,
O Terceiro João sempre forceja
Por conduzir o herege, o impio descrido,
O Judeu, ao redil da madre Igreja.
Mas o zelo melhor, mal dirigido,
Aonde a mira põe, nem sempre alveja.
Do tribunal que em Lysia então se erige
Mil excessos ao ler, quem não se afflige?

XXIV

Mas quem de Xavier, brazão de Hespanha,
Não folga ao ler a historia portentosa,
Por quem tanta nação remota, estranha,
Da evangelica luz os raios gosa?
Mil vezes mais que bellica façanha
Val do apostolo a empreza gloriosa.
Lusa terra alem mar guarda seus ossos,
Propicio acolhe, ó Santo, os cultos nossos!

XXV

Ao Terceiro João morte immatura
Arrebata, cruel, o filho amado,
O principe João, que da ventura,
Tinha os mimos té alli sempre logrado.
Morre dos annos na gentil verdura,
Qual tenra flor se a piza o duro arado:
Do mancebo infeliz, flebil, canora,
Lyra do Luso Homero a perda chora.

XXVI

Da augusta esposa de João Terceiro
Veraz historia os meritos pregoa:
Vê victima da morte o filho herdeiro
Da gloria avita, e da paterna c'rôa;
Com animo á desdita sobranceiro,
Reprime a viva dor. Faro e Lisboa
De Catharina ao zelo (ao mundo exemplo)
Devem pias mercês, cenobio, e templo.

XXVII

Sebastião succede em tenra infancia
Ao piedoso avô, que entregue o deixa
De Catharina á sabia vigilancia,
Quando em provecta idade os olhos feixa.
Brilham no joven rei valor, constancia,
Nobres dotes reaes; só grave queixa
Contra seu nobre sim, mas cego arrojo
Sólta a historia fiel, com justo enojo.

XXVIII

Em quanto o pio heroe em verdes annos
Medita, incauto a mais infausta empreza,
Athouguia entre os povos indianos
Sustenta, invicto, a gloria Portugueza.
Em Chaul, Gôa, Achem, doma os tyrannos,
Que em vão lhe oppoem ardis, força, e braveza,
E em tudo successor se mostra disso no
De Coutinho, Noronha, e Constantino.

XXIX

De taes proezas, mais e mais a fama
Ao Lusitano rei no nobre peito
Do fervido desejo ateia á chamma
De obrar na Mauritania hum grande feito.
Entre Moluco e Hamet odio se inflamma,
Que pertendem a hum throno ambos direito:
Sebastião a maura inimicicia
Para a facção fatal julga propicia.

XXX

Com temerario ardor brandindo a lança,
Nos areaes da Libya encontra a morte:
Não lhe he dado vencer; mas nome alcança
De campeão da fé zeloso e forte.
Cortada assim em flor tanta esperança,
Chora o Luso da patria a infausta sorte,
Vendo, alem de chorar dezar tamanho,
Impendente á cerviz hum jugo estranho!

XXXI

Porém antes que Lysia a antiga gloria,
Tão fulgida até li, visse eclipsada,
Perdido o rei, e a palma da victoria,
De Alcaçar na miserrima jornada;
Varões crédores de immortal memoria,
Não com fero arcabuz, fulminea espada,
Mas com armas do Ceo, travam peleja
Contra a turba rebelde á madre Igreja.

XXXII

De toda a grei Christã correm a Trento,
Ardendo em zelo, innumeros pastores,
A condemnar em sacro ajuntamento,
Sob o pastor supremo, impios errores.
Cedo o mundo ha de ver, e ouvir attento
Entre os da fé mais claros defensores,
Os que, com nobre ardor, no fixo prazo,
Manda o povo fiel do extremo occaso.

XXXIII

Ide athletas da fé! Com auso infando,
E horrida furia de voraz panthera,
De Luthero e Calvino o duplo bando
As ovelhas da Igreja, impio, lacera.
De vós serviço, auxilio, memorando,
A' santa causa a patria, e o mundo espera:
Já vos vejo affrontar do inferno a raiva,
Azambuja immortal, Foreiro, e Paiva!

XXXIV

Tu Bracharense Martyres, se tanto,
Te não ostentas orador facundo,
Reformador austero, humilde, e santo,
Brilhas não menos por saber profundo.
(Depois, largando o bago, e o rico manto,
Vestido de cilicio, ignoto ao mundo,
Findas da vida o terreal caminho
Em pobre claustro, no teu caro Minho).

XXXV

Estes a Igreja escuta, estes venera
Mestres da fé Christã, da moral pura,
Quando em Trento erros mil fulmina austera,
Filhos do orgulho e heretica impostura.
Nem só seu vôo erguendo á mór esphera
Do divinal saber, se exerce e apura
O Luso engenho então: por igual modo
Cultiva da sciencia o campo todo.

XXXVI

Pós Alvares, Vellez á Europa ensina
Aurea lingua do Lacio em versos de ouro:
Da Flora oriental á medicina
Horta revela incognito thesouro.
Nunes, de Urania alumno, alta doutrina
Dicta, c'roado de Apollineo louro:
Do Franco povo a flor pende dos labios
Dos Gouveias, de Vaz, eximios sabios.

XXXVII

A sulcar, Pinto, ousado te abalanças,
Em pinea fusta, pelagos remotos:
Ritos contas depois, riqueza, usanças,
De povos, e de reis, ao mundo ignotos.
Colhes mór fructo, Heitor, mais gloria alcanças,
Aos doutos caro, e aos animos devotos,
Traçando em casta, flórida, linguagem,
Da vida do Christão a nobre imagem.

XXXVIII

Toma Henrique de Lysia o regimento
Rei após a catastrophe Africana.
Deste monarcha o são merecimento
Dá lustre ao solio, e á purpura Romana :
Mas vigor lhe fallece, e fino tento,
Que opponha á força, e á fraude Castelhana :
Frouxo governa, hesita e não decide
Da successão ao throno a grande lide.

XXXIX

Saboia, Hespanha, o Vaticano, a França,
Parma, a vans pertenções chamam justiça ;
Que huma tão rica, tão illustre herança
Accende em todos fervida cobiça.
Antonio, que da plebe o voto alcança,
Entra, audaz contendor, na dubia liça,
E intrepido assoberba as hostes d'Alva,
Mas só fugindo, a custo, a vida salva.

XL

Sómente Catharina ao throno vago
Tem jus ; porem sem força o jus que serve ?
De seu negro porvir quasi presago,
O reino entre facções se agita e ferve.
Por evitar da guerra o horrendo estrago,
Dicta prudencia então que se reserve
Pára sazão aos Lusos mais benina
O brado em prol da estirpe Brigantina.

XLI

Não sobrevive á patria moribunda
O seu cantor sem par, o eximio vate,
A quem privada magoa, a mais profunda,
Nunca doma o vigor, a mente abate.
A' vida em duros trances tão fecunda
Desventura geral pôe o remate.
Camões da cara patria o fado corres.
Florece? Vives. Perde a gloria? Morres!

XLII

O desditoso reino, afflicto, exhausto,
Contra estranho poder não tem defeza:
Com violencia, engano, e altivo fausto,
Opprime o Hispano a gente Portugueza.
Doze lustros sujeita ao jugo infausto,
O lustre antigo, a prospera riqueza,
Vai perdendo, e recebe em toda a parte
Insultos cem do Batavo estandarte.

XLIII

Não se ufane porém desses insultos
O Batavo feroz; que o Luso brio
Não soe ultrages taes deixar inultos,
Nem seu nobre furor será tardio.
Não jazem, não, inamines, sepultos,
Com a perda do antigo poderio,
Todos de Lysia os filhos. Eis Furtado,
Que só por muitos vale, em campo armado.

LXIV

De Jafanapatão derrota, e mata
O soberboso rei: combate a liga
Do Batavo, e do Mouro, e desbarata,
Malaca defendendo, a força imiga.
Vence Cunhales, barbaro pirata,
Que com supplicio extremo emfim castiga:
Terror de Belgas, Turcos, Malabares,
Morre o *grão capitão*, fendendo os mares.

XLV

Tres Filippes, em ordem successiva,
Contra a lei, dictam leis no reino Luso:
Novas iras, inflamma, odios aviva,
Do poder usurpado o fero abuso.
Lysia, outr'ora nação potente, e altiva,
Geme ao ver-se sujeita ao mando intruso;
Qual o Hebreu, quando exhala as ternas queixas
Na terra Assyria, em lugubres endeixas.

XLVI

Antonio, longe então do patrio solo,
Por conquistar o solio em vão forceja:
Qual piloto infeliz, toldado o polo,
Sem bussola, á ventura erra, e veleja.
Opprime estranho jugo á patria o collo:
Luctar que val em tão dispar peleja?
Fallece ao pertensor estranho auxilio,
Seus dias finda pobre em triste exilio.

XLVII

Amarguras do triste captiveiro
Das lettras a cultura em parte adoça:
Castro celebra o fundador primeiro
Da excelsa capital da patria nossa:
Do bom pastor o typo verdadeiro
(Raro haverá quem igual-lo possa!)
Com estylo sem par, nobre e jocundo,
He por Sousa indicado á Igreja, e ao mundo.

XLVIII

Brito, Andrade, Brandão, Faria e Couto,
Consagram todo á patria o claro engenho:
Folga o povo que os lê, torna-se afouto,
Em breve ha de mostra-lo em nobre empenho.
Narra Lucena ao sabio, e ao vulgo indouto,
Com mór primor no estylo, e no desenho,
As do grão Xavier té alli não vistas
A bem da fé Christã sanctas conquistas.

XLIX

Mais minaz cada vez, e mais medonho,
Se mostra em Lysia o turbido horizonte:
Eis de repente amostra o sol rizonho,
Dissipado o negrume a léda fronte.
Qual quem desperta, em fim d'horrido sonho,
Em que vira o Cocyto, o Phlegetonte,
Ou a tetra imagem do infernal verdugo,
O Luso vê quebrado o ferreo jugo.

L

« Viva o Quarto João, do throno herdeiro »
Troço de heroes em Ulyssea brada:
« Viva João » repete o reino inteiro
Subito exulta a patria restaurada.
Contra o risco de novo captiveiro
He segura fiança a Lusa espada:
O novo rei, com salutar conselho,
Rapido apresta o bellico apparelho.

LI

Com varonil esforço esforça á lide
A esposa de João os Lusos peitos,
Quando elle, antes perplexo, em fim decide
Vindicar pela força os seus direitos.
O libertado povo agora envide
Os mais fortes heroes á guerra afeitos...
No marcio jogo em breve ao mundo todo
Provas dará de indomito denodo.

LII

Dos feitos com que então se immortaliza
O valor Luso em perennal memoria,
De Gusmão cabe á inclyta Luiza
Não pequeno quinhão na immensa gloria.
Vilhena assim não menos se abaliza,
Nem menos brilha, e brilhará na historia;
Os filhos arma, e os vê, tranquilla e forte,
Da patria em defensão correr á morte.

LIII

Suffocar tenta Hespanha o brado altivo,
E move embalde innumeras cohortes,
Que apagar não lhe he dado o fogo activo
Pelo amor patrio acceso em peitos fortes.
O Luso, com ardor mais e mais vivo,
No Hispano solo espalha estragos, mortes;
Que he digno de ser livre ao mundo amostra,
E as forças do oppressor opprime e prostra.

LIV

De Montijo na horrisona batalha
Contraria sorte os nossos atropela:
Tomados os canhões, terror espalha
No Luso campo a gente de Castella.
Mas prestes Albuquerques o damno atalha,
Os mais fortes armigeros debella,
Persegue as hostes tremulas, confusas,
E dá plena victoria ás Quinas Lusas.

LV

E não deve sómente á espada, á lança,
A' plumbea pella, a patria o seu resgate:
Em prol della, e da estirpe de Bragança,
Quem o plano traçou, quem deu rebate?
Ribeiro gloria igual á gloria alcança
De heroe que lucta em marcial combate;
Qual tu tambem que outr'ora o jus denegas
A Beatriz em Lysia, ó nobre Aregas.

LVI

Tambem defende a patria, e o Rei nativo,
Do Demosthenes Luso a voz, e a penna,
Inda que com ardor não menos vivo,
Lucta Vieira em mais sagrada arena.
Nos dois mundos, de Deos Ministro activo,
Com dicção pura, grave, ornada, amena,
Encanta, ensina, e move, o sabio, e o rude,
Fulmina o vicio, exalta a sã virtude.

LVII

Em quanto o reino á furia Castelhana,
Em campo aberto, impavido resiste,
Das victorias da gente Lusitana,
Tremendo, altiva Hollanda, a fama ouviste.
Empolgaras na terra Americana,
Em sazão para o Luso infausta e triste,
Rica preza, ó Nassau ; tu Sigismundo,
A largarás volvendo ao velho mundo.

LVIII

Do novo Luso mundo a illustre prole,
Com a prole de Lysia em santa liga,
Do Batavo poder afronta a mole,
Ambas iguaes na bellica fadiga.
« Nas torres do Brazil não mais tremole
« Da nossa santa cruz bandeira imiga :
« Tão nobre terra a Deos e a nós pertence »
Barreto exclama, e pugna, assalta e vence.

LIX

Pugna em duros recontros repetidos,
Nem só ganha laureis de esteril gloria,
Sem temer do leão feros bramidos,
Lhe arranca a preza co'a final victoria.
Socios na grande empreza esclarecidos,
Vieira e Vidigal, na Lusa historia
Tereis de encomios fulgida corôa,
E Camarão comvosco e Figueirôa.

LX

Nem tão só no Brazil, das sanctas Quinas
Novamente o pendão, feliz, tremola:
Fim põe o Luso ás Batavas rapinas,
E em nova lucta brilha e se acrysola.
A cerviz, Rei do Congo, humilde, inclinas;
E tu, livre do Belga, ardente Angola,
De Salvador Corrêa as leis recebes,
E a celeste doutrina, ávida, bebes.

LXI

Alvo do Anglo furor, á foz do Tejo
Vem dois moços reaes buscar abrigo:
Para a preza que anhela, armar-se vejo
Bando dos reis acerrimo inimigo.
João lhe frustra o barbaro desejo
E a Mauricio e a Roberto, em tal perigo,
Contra os insultos da facção sanhuda
Seguro asylo dando, os guarda e escuda.

LXII

De goivos, e jasmins, lirios, e louros,
Hum tumulo juncar quizera agora:
N'hum Principe esgotara os seus thesouros
O ceo, mas cedo a patria o perde e chora.
O Ausonio cisne em versos vividoiros
De Marcello o agro fim carpira outr'ora:
Theodosio iguaes merece encomios, pranto,
Luso vate lhe sagre hum doce canto!

LXIII

Ao rei *restaurador* hum rei succede
De fraco coração, de mente inerte,
Que em juvenis prazeres se desmede,
Sem que o marcio clarim seu brio esperte.
Mais vigoroso chefe a patria pede,
Que em torna-la feliz medite, e acerte:
Deposto, o Sexto Affonso, da desgraça,
No exilio, ou preso, esgota a plena taça.

LXIV

Mas em quanto inda em placido remanso,
Rei, por outrem regido, em Lysia impera,
Não se entorpece o Luso em vil descanço,
Nem do valor os impetos modera.
Com estupendo arrojo em mais de um lanço
Arrosta, rende, e doma a furia Ibera:
Vossos nomes no Pindo aos astros suba,
Magnanimos varões, Homerea tuba!

LXV

Sim só do Cisne Ismenio a voz canora
Devera, ou tuba altisona Meonia,
Os heroes celebrar que ostenta agora
Lysia, a par dos da Grecia, e antiga Ausonia:
Mas ronca seja minha voz embora,
Nem meus labios banhasse a lympha Aonia,
Pregôe ao menos de valor modelos
Jaques, Sancho, Menezes, Vasconcellos.

LXVI

Elvas, Ameixial, Castel Rodrigo,
Theatro illustre sois de nobres feitos:
Regio heroe entra em Lysia, e fero imigo,
Bravos soldados manda á guerra afeitos:
Avança, Evora toma, e diz comsigo:
« Eis domados emfim os Lusos peitos. »
Mas colhe desse ardor fructos amaros;
E Caracena iguaes em Montes Claros.

LXVII

Honra, e lustre immortal ao varão forte,
Que seu rei defendendo, e os patrios lares,
Com sereno semblante encara a morte,
De cru combate em horridos azares!
Gloria igual a quem tem por fixo norte,
Das discordias civis nos turvos mares,
A lealdade só, e em risco summo,
Nem revela temor, nem torce o rumo!

LXVIII

Perdido o throno, a esposa, a liberdade,
Geme em total olvido o rei deposto,
Torpe infracção dos foros da amizade
De Affonso aggrava o triplice desgosto;
Só á que julga intrusa potestade
Não inclina a cerviz, mudando o rosto,
Nem o affecto leal, no exilio, esconde,
De Castello Melhor o eximio Conde!

LXIX

Do Sexto Affonso, desgraçado em tudo
(Salvo de seus heroes no ardor mavorcio),
Cumpre ao Luso fiel, sabio, e sisudo,
Deplorar o não prospero consorcio.
Que vale perscrutar com longo estudo
Os fundamentos do fatal divorcio?
Ao mais feliz irmão, seguindo a sorte,
Francisca de Nemours se une consorte.

LXX

Pedro Segundo á lucta gloriosa
Pôe termo em prol da causa Lusitana,
Quando Castella, em armas desditosa
Por lustros cinco, em fim se desengana.
Então da paz o Luso os fructos gosa,
Té que d'Austria em favor, na lide Hispana,
Não se esquivando ás bellicas fadigas,
De novo afronta as hostes inimigas.

LXXI

Mas antes que na Hesperia desparzisse
Civil discordia seu lethal veneno,
E que de sangue, impavido, tingisse
O Gall'Hispano o Hispanico terreno,
Dispoz o ceo que Pedro compellisse
Em Ceuta e Orão á fuga o Sarraceno,
Ajudando a evitar desaire e damno
O Luso rei ao rei do povo Hispano,

LXXII

Hispana gente, entre as nações do mundo
Qual outra é mais que tu, valente e clara?
Combatendo, ou sulcando o mar profundo,
Qual mais firme o perigo, e a morte encara?
Ganhada após conflicto furibundo,
Nobre conquista, a liberdade cara,
Em ti vê Lysia hum povo irmão e amigo,
Salve, e feliz conserva o lustre antigo!

LXXIII

Pedro Segundo, a quem cruel destino
Após a esposa cara a filha tolhe,
No Neoburgense ramo Palatino
Nova consorte, venturoso, escolhe.
Influxo em tal escolha houve divino,
Que della o reino inteiro os fructos colhe.
He Sophia Princeza em tudo egregia,
Fecunda, e terna mãe, de prole regia.

LXXIV

Não só de Pedro ao florido reinado
Dão lustre a paz, e as bellicas proezas:
Da milicia de Christo heroe soldado,
Brito, o decora por Christans emprezas.
Mil e mil deste Luso ouvindo o brado,
Que seus erros condemna, e vis torpezas,
No vasto Madurey se vão curvando
Da lei do sancto amor ao jugo brando.

LXXV

Da boa nova arauto, immanas terras,
Prégando, illustra o Luso peregrino;
Sulca o mar, brenhas rompe, atrepa serras,
Dá-lhe forças e esforço, o amor divino.
Brito, por Deus, da patria te desterras,
Tens na patria celeste o premio dino:
Se fero algoz pagão te arranca a vida,
Lá tens no empyreo a palma merecida!

LXXVI

Eis o Quinto João o sceptro empunha,
Que na pompa e explendor do culto santo,
Salomão Portuguez, seu timbre punha,
Digno de fama eterna em doce canto.
Com pasmo a Europa vê (pois não suppunha,
Que um Lusitano Rei podesse tanto)
Os que elle erige excelsos monumentos,
Quasi iguaes aos de Roma altos portentos.

LXXVII

Em Mafra, á sua voz erguida vejo
(Cenobio, alcaçar, templo) immensa mole,
Quando o ceo cumpre hum fervido desejo,
E adita o reino, e o Rei com regia prole.
Eis á rainha do sereno Tejo,
Porque secca infeliz não a desole,
Lá vem, do seio dos visinhos montes,
Torrente d'agua alimentar as fontes.

LXXVIII

A Carlos, pertensor do solio Ibero,
João auxilio dá com sorte varia,
Sempre leal, munifico, e sincero,
Inda quando fortuna acha contraria;
E quando no mar Jonio o Turco féro,
Move á gente Christã guerra nefaria,
Ao barbaro infiel não dando corro,
Manda a Corfú prontissimo soccorro.

LXXIX

Do Tejo eis sahe ufana a Lusa armada:
Ei-la em frente do Turco em linha posta —
De grossos galeões ei-la cercada —
De todos sem temor a furia arrosta.
A Musulmana frota, destroçada,
Demanda em fuga a Pelopeia costa:
A Italia canta assim, deposto o medo,
Fausto epinicio em festival folguedo.

LXXX

Oito lustros Attalicos thesouros
O magnanimo rei logra ditoso,
Mais que tropheos prezando, e marcios louros,
D'aurea paz o remanso deleitoso.
Não tão só para si — para os vindouros
Reis da Lusa nação — titulo honroso
Ganha, que entre os Christãos seu zelo abona
Pela fé, de que fervido blazona.

LXXXI

De sangue imperial gentil Princeza
Do munifico Rei se assenta ao lado,
E firme, e sabia, a gente Portugueza
Rege, mais de huma vez, por seu mandado.
Não esquece jamais na summa alteza
Do pobre a triste sorte, e o bem do estado:
De Marianna d'Austria o nome e a gloria
Vivem, e hão de viver na Lusa historia.

LXXXII

Sobe Jose' Primeiro ao throno augusto,
Mil abusos reforma em tempo breve:
Do terremoto horrendo o damno, o susto,
Providente restaura, e faz mais leve.
A' escolha deste Rei, sagaz e justo
Estimador do merito, se deve
Ministro sem igual, mas cujos fastos.
Dias memoram lugubres nefastos.

LXXXIII

Horrida trama a preciosa vida
Ao Lusitano Rei roubar intenta,
Que por favor celeste he defendida.
Contra furia infernal, sangui-sedenta.
Folga o Luso fiel vendo vencida
A nefanda traição; porem lamenta
De tantos, e taes, reos extremo exicio
O atroz rigor do barbaro supplicio (a).

LXXXIV

Mil campeões, nos inclytos certames
Sempre esforçados da Christã milicia,
Proscriptos vejo então. Monstros infames
São talvez de satanica nequicia?
Grande Carvalho, embora ao mundo clames,
Que aos thronos são fataes, e á sã policia;
Antes que affirme tal, de alento á mingoa.
Fique em silencio eterno a minha lingoa.

(a) Como muitos não admittem a existencia da conspiração indicada nesta oitava, a esses taes o auctor offerece a seguinte substituição:

Nocturno assalto a preciosa vida
Do Lusitano Rei põe em perigo,
Que contra a furia barbara homicida
Na protecção celeste encontra abrigo.
Se foi a trama trama regicida,
Se de todos os reos justo o castigo,
Problemas são: a critica sensata
Inda agora perplexa, os não desata.

LXXXV

Qual passageira nuvem carregada,
Que ao sol encobre o luminoso disco,
Prestes desfaz-se, em chuvas desatada,
Após crebro trovão, raio, e corisco;
Tal em Lysia, onde reina a paz dourada,
Apenas se presente o grave risco,
A guerra mostra a negra catadura,
Mas cedo com a paz volta a ventura.

LXXXVI

Que ao damno ulterior o grão ministro
Consegue que o reparo se anticipe;
Eis já, deixando a patria, e as margens do Istro,
Demanda a foz do Tejo o claro Lippe.
Do Borbonio pacto, a nós sinistro,
Faz que todo o receio se dissipe,
Que o Luso a estranho ataque oppõe seguro
Do esforço e disciplina o bronzeo muro.

LXXXVII

Carvalho em breve espaço assim repelle
Fera invasão do Hispano poderio:
Quem ha que por manter mais lide e vele
Illeso, e pleno, o patrio senhorio?
Que no seio da paz mais vingue e zele
O commum interesse, o Luso brio,
Sem que do Anglo poder o dome, ou torça,
O prepotente orgulho, e a enorme força?

LXXXVIII

O ocio, a inercia vil, banir procura,
Luso Colbert, da terra Portugueza,
Que não sómente a marcial bravura
Dos reinos firma a solida grandeza.
Honra o commercio, a industria, a agricultura,
Fontes caudaes da publica riqueza,
E quer que com ardor, por varios modos,
Para a dita geral concorram todos.

LXXXIX

Ao Ilisso, ao Asopo, ao Tibre, ao Sena,
Pouco já tem que inveje o Tejo, e o Douro:
Sopra ás lettras propicia aura serena,
Ao sabio a fronte cinge o verde louro.
Dás a louca ambição condigna pena,
Cantas heroes ao som da lyra de ouro,
De Pindaro rival no estro divino,
E de Boileau na graça, ó grande Elpino.

XC

De doce eloquio, aos astros remontado,
Devolve Elpino rapida torrente:
Garção, doce cantor, menos ousado,
Commove os corações, illustra a mente.
Ao rio ameno que fecunda o prado,
Mormurando com placida corrente
(Qual não longe da fonte o Tigre, ou o Nilo)
Deste vate semelha o nobre estylo.

XCI

Nem tão sómente Lysia então dedica
Fervente culto a vós, gentis Camenas;
A's graves disciplinas não se applica
Com menos vivo ardor que ás mais amenas.
Em todo o bom saber se ostenta rica,
Do mui longo turpor sahida apenas,
Salve, doutos varões, por quem fulgente
Luz da sciencia o facho á Lusa gente!

XCII

De artificio Dedaleo hum Phidias Luso
A Lysia lega em bronze hum monumento:
Suppre engenho inventivo a mingoa de uso,
Obram Costa e Machado alto portento.
Ministro de um monarca em dons profuso,
Se ás lettras dás, Pombal, fecundo alento,
Em proteger não menos te desvelas,
Os misteres fabris, e as artes bellas.

XCIII

Por teu esforço e zelo, em breves annos,
Da sem igual catastrophe espantosa,
Reparados de todo os mores damnos
Vira a Lusa metropole famosa.
D'entre as ruinas, por teus sabios planos
Surgindo assim mais bella e magestosa,
Teu nome exalta, e grata te pregôa
Seu novo fundador a grão Lisboa!

XCIV

Ao Rei reformador formosa e pia
Esposa o ceo concede, aos Lusos cara,
Que no terror que todos opprimia
Mostra, em risco geral, firmeza rara.
Marianna Victoria em Deos confia:
Elle a guarda: ella grata o pobre ampara,
E ao Calabrez Francisco portentoso,
Devota, erige templo magestoso.

XCV

Estirpe varonil ao regio thoro,
Surdo a preces, o ceo negado tinha:
Maria reina: a fama em som canoro
Publica os dotes da immortal Rainha.
Mantem do throno o rigido decoro,
Sancto zelo seus passos encaminha,
E cauta poupa, em tempos aziagos,
Ao solo patrio os bellicos estragos.

XCVI

Mas aos pactos fiel, luzido envia
Auxilio contra o Gallo ao Rei da Iberia:
Sempre constante, a Lusa valentia
Dá dos vates ao canto ampla materia.
Os Pyreneos em marcia galhardia
Vêem a prole brilhar da nobre Hesperia;
Porem na féra lide (Hespanha o sabe)
O mór quinhão de gloria aos Lusos cabe.

XCVII

Maria outorga ás lettras, á sciencia,
Em proveito commum, favor, amparo,
E deixa de real munificencia
Mais de um padrão aos posteros preclaro.
Eis Lafões, pondo termo a longa ausencia,
Volve á patria, e a Minerva, e ás Musas caro,
Sob auspicio real ('stimulo e premio)
Os sabios honra e ajunta em nobre gremio.

XCVIII

Assim Maria, provida, dirige
Ao porto da ventura a náo do estado;
Ao culto divinal templos erige;
Prodiga aos pobres maternal cuidado:
Quando eis golpe cruel seu peito afflige..
Perde Pedro piedoso, o esposo amado,
De virtudes Christãs modelo egregio,
Que a seu lado occupava o solio regio.

XCIX

Perde a José tambem, que em verde idade
Aos Lusos dando altissima esperança,
Deixa a todos de si justa saudade,
E ind'hoje vive na geral lembrança.
Assim reserva a Eterna Potestade
Ao Infante João a regia herança,
A João, que do reino unido e inteiro
Veio a ser o monarca derradeiro.

C

Do sangue dos Bourbons progenie Hispana,
Carlota por esposa, infante, houvera,
Que no tracto dos seus benigna e lhana
Do genio altivo os impetos modera.
(A popular facção quanto se engana
Se empregando o terror, doma-la espera!
Com firmeza ha de ve-la em triste encerro
A sentença escutar do seu desterro).

CI

A Maria saudosa um morbo lento
A mente abate, e as forças lhe quebranta:
João por ella ao leme acode attento,
Na procella cruel que se alevanta.
Do heroe da Gallia ao bellico hardimento
Oppõe tanto vigor, prudencia tanta,
Que se frustram ardis, planos astutos,
E da paz logra Lysia os doces fructos.

CII

O commercio prospéra, a industria activa
Protegida florece, e mais se apura;
Entre os jovens do estudo o ardor se aviva,
Cresce a riqueza, e a publica ventura.
As lettras Araujo ama, e cultiva,
Das artes todas desvelado cura;
Mello (qual fôra outr'ora ao mundo nota)
Luzida ostenta e forte a Lusa frota.

CIII

Dita flórida sim, mas dita breve!
Subito o Gallo invade a Lusa terra,
Porque céga ambição contente e ceve
Com tropheo facil de aleivosa guerra.
João que a tanto risco expor não deve
A prole, e a genitriz, eis se desterra,
Asylo vai buscar n'outro hemispherio,
E as bazes lança de futuro imperio.

CIV

Da Santa Cruz no solo assenta o throno,
Sobe o Brazil illustre a mór alteza;
Esclarecido principe, e patrono
Delle promove a solida grandeza.
Ao Corso não valera astucia, entono:
Colher não pôde a cubiçada preza,
Raivoso treme, e, com ferina sanha,
O reino assola em triplice campanha.

CV

Não desmaias, ó Luso, em tanto aperto,
Nem ao jugo odioso o collo inclinas:
Com valor singular, com sabio acerto,
A respeitar teu solo o Gallo ensinas.
Com Albion n'um intimo concerto,
Dás nobre exemplo ás gentes Iberinas:
Em vão para domar-te, eis vem do Sena,
Derrotado Junot, Soult, e Massena.

CVI

Depois que, defendendo a grão Lisboa,
Do vencedor d'Esling o fasto abates,
Desde as margens do Tejo ao Bidassoa,
Sustentas bravo innumeros combates.
Sempre que o cavo bronze horrendo troa,
A furia Franca intrepido rebates:
Burgos só te constrange, altiva e forte,
A provar o rigor de iniqua sorte.

CVII

Mas prospera de novo, e então constante,
Torna fortuna a militar comtigo:
O Gallo encalças, com feroz semblante,
Buscando os lances de maior perigo
Nos campos de Victoria o vês diante
Prompto á peleja, acerrimo inimigo:
De ignivomos canhões estrondo crebro
'Sparge em torno o terror nas margens do Ebro;

CVIII

Após sanguenta lucta porfiada,
Ao Luso e Anglo valor cedem vencidas
Em campal, celeberrima, jornada,
De Bonaparte as hostes destemidas.
Impedir já não póde a hostil entrada
Jourdan ás forças das nações unidas:
Em vão se tenta á triumphal carreira
Nos Pyreneos, no Nive, oppor barreira.

*

CIX

Rompe toda a barreira em breve espaço
O vencedor exercito: renova
Cada dia a peleja: abrem-lhe o passo
Tenaz esforço e feitos de alta prova.
Em Orthez se assignala o Luso braço:
Toda Europa alvoroça alegre nova:
Já tremola em Bordeos, com fausto agouro,
O candido pendão dos lizes de ouro.

CX

Agradeça o Borbon, inda exilado,
Aos Anglo-Lusos o felice evento;
Que elles deram então ao nobre brado,
Nas margens do Garonna, impulso e alento,
Mas inda estava aos Lusos reservado
Hum novo esforço, hum novo vencimento:
A bandeira das Quinas gloriosa
Eis ondeia nos campos de Tolosa.

CXI

Soult, o bravo caudilho, embalde emprega
Os recursos do genio, os da bravura:
De Bonaparte á causa o ceu denega
Todo o favor e pristina ventura.
Em troco de hum imperio, a Europa entrega
Ao grande heroe vencido (altiva e dura
Depois que da ambição lhe açaima a furia)
Hum quasi ignoto ilheo no mar da Etruria.

CXII

Após tanta fadiga, acções tão bellas,
Volvei ao som d'applausos, e cantares,
C'roados de immortaes laureas capellas,
Dignos filhos da patria aos patrios lares!
Ella em carmes procure, em bronze, em telas,
Dar brilho eterno aos feitos singulares,
Com que igualado haveis nas lides feras
O Luso alto valor de antigas eras.

CXIII

Mas não permitta o ceo, que a Lusa gente
Tanto por patrio amor se offusque e cegue,
Que á inclyta Albion, feliz, potente,
De justa gratidão tributo negue!
Louvor ao capitão sabio, e valente,
Sob quem tanta gloria assim consegue!
Louvor ao grande heroe terror do Corso,
Prodigio de conselho, e marcio esforço!

CXIV

De Beresford o nome aos Lusos caro,
Ha de sempre soar; inda hoje ensina
Do caudilho Britanno o exemplo raro
Em Portugal a marcia disciplina.
Wellington immortal desluz preclaro
A prisca fama hellenica, e latina,
Deixando unida, em perennal memoria,
A' gloria d'Ilion a Lusa gloria!

CXV

Nas margens do Danubio eis se convoca,
Regulador da paz, congresso augusto:
Reinos divide, tira, entrega, ou troca,
Oppostas pertenções compõe a custo.
Mais de hum queixoso clama, o jus invoca,
E accusa o tribunal de pouco justo;
Mas ao menos lugar não se recusa
Entre as grandes nações á nação Lusa.

CXVI

Erguem da patria em prol, nesta assembléa,
Tres ministros de Lysia a voz facunda.
Tal o Luso na paz brilha, e campêa,
Qual brilhara na guerra furibunda.
Déra a dois desses tres berço Ulyssêa,
Em illustres varões sempre fecunda;
Deu sepultura a dois — Saldanha e Sousa —
Cobre os restos de Lobo estranha lousa —

CXVII

Cinge o Sexto João do imperio avito,
Morta Maria, a triplice corôa,
Quando, após o geral, feroz conflicto,
Os canticos da paz a Europa entôa:
Mas não regressa ao Tejo o Luso Tito,
E nas margens do Douro um brado sôa,
Que novas leis reclama, e altivo e ovante,
Retumba além do mar do Mauro Atlante.

CXVIII

O universal clamor benigno escuta
O desejado Rei, e á patria volve:
Mas o orizonte mais e mais se enlucta,
Erynnis sacros vinculos dissolve.
Vejo irmãos contra irmãos, que em féra lucta
Civil discordia miseros envolve!
Persegue o Luso ao Luso, a fogo e ferro...
A taes scenas, afflicto, os olhos cerro.

CXIX

Os olhos cerro, e o coração levanto
A Deos, ao Rei dos reis, que humilde adoro:
Delle o favor superno, auxilio santo,
Alçando a debil voz, submisso imploro.
Verteu-se assaz de sangue, assaz de pranto,
Nas discordias civis, que calo, e choro,
Agora a paz fecunda em dons, em mimos,
Brote em Lysia, quaes soe, fructos opimos!

CXX

Vós nova geração, que inda os effeitos
Sentindo estaes das luctas intestinas,
Segui, christãos, á Lei e ao Rei, sujeitos,
Do Evangelho de Christo as sans doutrinas.
Avivar procurai com nobres feitos
O pristino fulgor das Sanctas Quinas,
E no seio da paz, da mesma sorte,
Tende o publico bem por fixo norte!

INDICE ALPHABETICO

DOS SRS.

REIS E RAINHAS DE PORTUGAL,

E DOS

PERSONAGENS E ESCRIPTORES PORTUGUEZES

DE QUE SE FAZ MENÇÃO NESTE OPUSCULO.

N. B. O numero romano indica o Canto, o algarismo que se lhe segue denota a oitava, *N.* quer dizer nasceu, *A.* foi acclamado ou subiu ao throno, *F.* falleceu.

Affonso. I. 20. — O Sr. D. Affonso Henriques, 1.º Rei de Portugal. *N.* (segundo a opinião mais commum) em 1109. *A.* (tambem segundo a opinião mais seguida) em 1139. *F.* em 1185.

Affonso. I. 38. — O Sr. D. Affonso II, 3.º Rei. *N.* 1185. *A.* 1211. *F.* 1223.

Affonso. I. 49 — O Sr. D. Affonso III, 5.º Rei. *N.* 1210, *A.* 1223. *F.* 1279.

Affonso. I. 60. — O Sr. D. Affonso IV, 7.º Rei. *N.* 1291. *A.* 1325. *F.* 1357.

Affonso. I. 86. — O Sr. D. Affonso V, 12.º Rei. *N.* 1432. *A.* 1438. *F.* 1481.

Affonso. II. 63. — O Sr. D. Affonso VI, 22.º Rei. *N.* 1643. *A.* 1656. *F.* 1683.

Affonso. I. 96. — O Principe D. Affonso, Filho do Sr. Rei D. João II.

Albuquerque. I. 104. — Affonso d'Albuquerque com razão cognominado o *Grande*, Governador da India

Albuquerque. II. 54. — Matthias de Albuquerque Governador das armas no Alemtéjo no principio d guerra da acclamação.

Aldonça. Veja-se *Dulce*.

Almeidas. I. 103. — Hum he D. Francisco de Almeida, Vice-Rei da India; outro D. Lourenço de Almeida, seu filho, ambos immortaes pelo seu valor e heroicas proezas.

Alvares. II. 36. — O Padre Manoel Alvares, Jezuita, celebre pela Grammatica Latina que compoz.

Antonio. I. 44. — Santo Antonio, o Thaumaturgo Portuguez.

Antonio. II. 39. — O Prior do Crato, pretendente á corôa pelo fallecimento do Sr. Cardeal Rei.

Araujo. II. 102. — Antonio de Araujo e Azevedo. Conde da Barca, illustrado estadista, ministro do Sr. D. João VI quando regente.

Aregas. II. 55. — O Dr. João de Aregas, ou das Regras, jurisconsulto, que muito concorreu para o Sr. D. João I ser elevado ao throno.

Athouguia. II. 28. — D. Luiz de Athaide, Conde de Athouguia. Duas vezes Vice-Rei da India, e nella reparador da gloria Portugueza.

Azambuja. II. 33. — Fr. Jeronymo de Azambuja. Religioso Dominicano, insigne theologo e expositor.

Azurara. I. 95. — Gomes Annes de Azurara. Foi o segundo Chronista de Portugal.

Barreto. II. 58. — Francisco Barreto de Menezes. Hum dos generaes que mais se distinguiram no Brazil contra os Hollandezes.

Bernardes. II. 18. — Diogo Bernardes. Poeta muito suave e distincto no genero pastoril.

Borba. I. 95. — O Conde de Borba, Fernão Mas-

carenhas, que assignalou o seu valor nas guerras de Africa.

Brandão. II. 48. — Fr. Antonio Brandão, Chronista, continuador da *Monarchia Lusitana*, de Fr. Bernardo de Brito.

Brigantino (Duque). I. 93. — D. Fernando, Duque de Bragança, justiçado em Evora.

Brites. I. 52. — A Sr.ª D. Brites, 2.ª Mulher do Sr. Rei D. Affonso III.

Brites. I. 64. — A Sr.ª D. Brites. Esposa do Sr. Rei D. Affonso IV.

Brito. II. 48. — Fr. Bernardo de Brito, Monge de S. Bernardo, Chronista do Reino, auctor da 1.ª e 2.ª Parte da *Monarquia Lusitana*.

Brito. II. 74. — O Beato João de Brito. Jesuita, Martyr no Madurey.

Cabral. I. 78. — Gonçalo Velho Cabral. Descubrldor da Ilha de Santa Maria, huma dos Açores.

Cabral. I. 103. — Pedro Alvares Cabral. Descubridor do Brazil.

Cabral. II. 9. — Jorge Cabral. Governador da India.

Camarão. II. 59. — Valente soldado na guerra de Pernambuco contra os Hollandezes.

Camões. II. 41. — Luiz de Camões, o grande epico e Principe dos Poetas Portuguezes.

Carlota. II. 100. — A Sr.ª D. Carlota Joaquina de Bourbon. Esposa do Sr. Rei D. João VI.

Carvalho. II. 84. — Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras e Marquez de Pombal. Celeberrimo estadista.

Castanheda. II. 12. — Fernão Lopes de Castanheda. Historiador do Descobrimento da India.

Castello-Melhor. II. 68. — João Rodrigues de Vasconcellos, Conde de Castello-Melhor. Habil mi-

nistro, e celebre pela sua fidelidade ao Sr. Rei D. Affonso VI.

Castro. I. 60. — D. Ignez de Castro. Infeliz esposa do Infante D. Pedro, depois Rei de Portugal.

Castro. I. 109. — Hortensia Castro. Nobre donzella muito instruida, que esteve ao serviço da Infanta D. Maria, filha do Sr. Rei D. Manoel.

Castro. II. 12. — D. João de Castro. Vice-Rei da India, celebre pelas victorias que nella ganhou, e pelo soccorro que deu á cidade de Dio.

Catharina. II. 26. — A Sr.ª D. Catharina. Esposa do Sr. Rei D. João III.

Constança. I. 61. — D. Constança 1.ª Esposa do Infante D. Pedro, Filho do Sr. Rei D. Affonso IV.

Constantino. II. — 28. D. Constantino de Bragança. Vice-Rei da India, onde muito se assignalou pela sua bravura, e magnanimidade.

Correa. I. 48. — D. Pero Payo Correa. Esforçadissimo Capitão, Mestre da Ordem de S. Thiago.

Correa. II. 60. — Salvador Correa de Sá. Valente Capitão que expulsou do Reino de Angola os Hollandezes.

Corte-Real. II. 20. — Jeronymo Corte-Real. Poeta epico.

Costa. II. 92. — Bartholomeu da Costa. Engenheiro sob cuja direcção se fundiu a estatua equestre do Sr. Rei D. José.

Coutinho. II. 28. — D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, Vice-Rei da India.

Coutinhos. II. 103. — Hum foi D. Vasco Coutinho, Conde de Borba; outro D. Francisco; ambos esforçados Capitães.

Couto. II. 48. — Diogo do Couto. Historiador.

Cunha. II. 9. — Nuno da Cunha. Famoso Governador da India.

Diniz. I. 56. — O Sr. D. Diniz. 6.º Rei. *N.* 1261. *A.* 1279. *F.* 1325.

Duarte. I. 80. — O Sr. D. Duarte, 11.º Rei. *N.* 1391. *A.* 1433. *F.* 1438.

Dulce. I. 37. — A Sr.ª D. Dulce, Esposa do Sr. Rei D. Sancho I.

Eannes. I. 78. — Gil Eannes. O primeiro navegador que dobrou o Cabo Bojador.

Elpino. II. 89. — Nome Arcadico do Desembargador Antonio Diniz da Cruz. Insigne Poeta lyrico, e satyrico.

Faria. I. 69. — Nuno Gonçalves de Faria, Alcaide-Mór de Castello de Faria.

Faria. II. 48. — Manoel Severim de Faria. Chantre da Sé d'Evora. Erudito antiquario, e elegante escriptor.

Fernandes. I. 54. — Valoroso Capitão no reinado do Sr. D. Affonso III.

Fernando. I. 67. — O Sr. D. Fernando I, 9.º Rei *N.* 1345. *A.* 1367. *F.* 1383.

Fernando. I. 80. — O Infante D. Fernando por cognomento o Santo, filho do Sr. D. João I.

Ferreira. II. 18. — Antonio Ferreira. Illustre Poeta.

Figueiroa. II. 59. — Valente Official que se distinguiu na guerra contra os Hollandezes no Brazil.

Filippa. I. 79. — A Sr.ª D. Filippa, Esposa do Sr. Rei D. João I.

Filippes. II. 45. — Os Srs. D. Filippe I, D. Filippe II, e D. Filippe III, Reis intrusos de Portugal.

Foreiro. II. 33. — Fr. Francisco Foreiro. Insigne Theologo Dominicano.

Francisca de Nemours. II. 69. — A Sr.ª D. Maria Francisca Isabel de Nemours, Esposa do Sr. D. Affonso VI, e depois de divorciada delle, casada com o Principe D. Pedro, irmão do Monarcha deposto.

Freitas. — I. 47. Martim de Freitas, Alcaide-Mór de Coimbra. Famoso pela fidelidade que guardou ao Sr. D. Sancho II.

Galvão. — I. 95. Duarte Galvão. Chronista do Reino.

Grlvão. — II. 9. Antonio Galvão. Illustre pelo seu valor, e desambição. Governador das Molucas.

Gama. — I. 103. D. Vasco da Gama, 1.º Conde da Vidigueira. Descobridor da India.

Garção. — II. 90. Pedro Antonio Correa Garção. Poeta elegants e de apurado gosto.

Giraldo Sempavor. — I. 32. Tomou Evora aos Mouros por enterpreza.

Godinho. — I. 23. O Beato Godinho, Arcebispo de Braga.

Gonçalo. — I. 32. Gonçalo da Maia. Valente guerreiro appellidado o *Lidador*.

Gouveas. — II. 36. Hum foi António de Gouvea, outro Diogo de Gouvea; ambos admirados e applaudidos em França pela sua erudição.

Heitor. — II. 37. Fr. Heitor Pinto, Monge de S. Jeronymo. Elegante escriptor moralista, e douto expositor.

Henrique. — I. 18. O Conde D. Henrique. Augusto tronco dos Srs. Reis de Portugal.

Henrique. — I. 73. O Infante D. Henrique, esclarecido promotor dos grandes descubrimentos maritimos.

Henrique. — II. 38. O Sr. Cardeal D. Henrique, 17.º Rei. *N.* 1512. *A.* 1578. *F.* 1580.

Horta. — II. 36. Garcia de Horta. Celebre naturalista, que escreveu sobre os simplices e drogas do Oriente.

Ignez. — *Vide* Castro.

Isabel. — I. 58. Santa Isabel. Esposa do Sr. Rei D. Diniz.

Isabel. I. 84. — A Sr.ª D. Isabel, Mulher do Sr. Rei D. Affonso V.

Isabel. I. 110. — A Sr.ª D. Isabel, 1.ª Esposa do Sr. Rei D. Manoel.

Jaques. II. 64. — Pedro Jaques, de Magalhães. Hum dos heroes da guerra da acclamação.

Jayme. I. 105. — Dom Jayme Duque de Bragança, Conquistador de Azamor.

Joanna. I. 88. — A Princeza D. Joanna, herdeira da corôa de Castella; que esteve desposada com o Sr. Rei D. Affonso V.

Joanna. I. — 88. Santa Joanna. Infanta, Filha do Sr. Rei D. Affonso V.

João. I. 71. — O Sr. D. João I, 10.º Rei. *N.* 1357. *A.* 1385. *F.* 1433.

João. I. 91. — O Sr. D. João II, 13.º Rei. *N.* 1455. *A.* 1481. *F.* 1495.

João. II. 4. — O Sr. D. João III, 15.º Rei. *N.* 1502. *A.* 1521. *F.* 1557.

João. II. 50. — O Sr. D. João IV, 21.º Rei. *N.* 1604. *A.* 1640. *F.* 1656.

João. II. 76. — O Sr. D. João V, 24.º Rei. *N.* 1689. *A.* 1706. *F.* 1750.

João. II. 99. e 117. — O Sr. D. João VI, 27.º Rei. *N.* 1767. *A.* 1816. *F.* 1826.

João. II. 25. — O Principe D. João Filho do Sr. Rei D. João III.

Jose' II. 82. — O Sr. D. José I, 25.º Rei. *N.* 1714. *A.* 1750. *F.* 1777.

Jose' II. 99. — O Principe D. José, filho da Sr.ª Rainha D. Maria I e do Sr. D. Pedro III.

Lafões. II. 95. — O Duque de Lafões, D. João de Bragança, fund. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.

Leonor. I. 70. — A Sr.ª Leonor, Esposa do Sr. Rei D. Fernando.

Leonor. I. 82. — A Sr.ª D. Leonor. Mulher do Sr. Rei D. Duarte.

Leonor. I. 97. — A Sr.ª D. Leonor, Esposa do Sr. Rei D. João II.

Leonor. I. 112. — A Sr.ª D. Leonor, 3.ª Mulher do Sr. Rei D. Manoel.

Lima. II. 9. — D. Manoel de Lima, esforçado guerreiro na India.

Livio (o Luso). II. 12. — He assim cognominado o insigne historiador João de Barros.

Lobo. II. 116. — D. Joaquim Lobo, conde de Oriola, hum dos Plenip. de Portugal no congresso de Vienna.

Luiz. II. 10. — O Infante D. Luiz, filho do Sr. Rei D. Manoel.

Luiza. II. 52. — A Sr.ª D. Luiza, Esposa do Sr. Rei D. João IV.

Machado. II. 93. — Joaquim Machado de Castro, insigne estatuario, auctor da estatua equestre do Sr. Rei D. José.

Mafalda. I. — 27. A Sr.ª D. Mafalda, Esposa do Sr. Rei D. Affonso Henriques.

Mafalda. I. 34. — A Beata Mafalda, Filha do Sr. Rei D. Sancho I.

Manoel. I. 98. — O Sr. D. Manoel, 14.º Rei. *N.* 1469. *A.* 1495. *F.* 1521.

Maria. II. 95. — A Sr.ª D. Maria I, Rainha reinante. *N.* 1734. *A.* 1777. *F.* 1816.

Maria. I. 111. — A Sr.ª D. Maria, segunda Mulher do Sr. Rei D. Manoel.

Maria. I. 108. — A Infanta D. Maria, Filha do Sr. Rei D. Manoel.

Marianna. II. 81. — A Sr.ª D. Marianna d'Austria, Esposa do Sr. Rei D. João V.

Marianna Victoria. II. 94. — Esposa do Sr. Rei D. José.

Martyres. II. 34.—D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo de Braga, sabio e exemplarissimo Prelado.

Mascarenhas. II. 9. — D. João de Mascarenhas, que se immortalizou no segundo cerco de Dio.

Mathilde. I. 51. — Condessa de Bolonha, 1.ª Esposa do Sr. Rei D. Affonso III.

Mello. II. 102. — Martinho de Mello, Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar, na regencia do Sr. D. João VI.

Menezes. II. 9. — D. Henrique de Menezes, Valoroso Governador da India.

Menezes. II. 64. — D. Antonio Luiz de Menezes. Marquez de Marialva, vencedor dos Castelhanos nas linhas d'Elvas, e em Montes Claros.

Miranda. II. 17. — Sá de Miranda. Poeta de grande merecimento.

Moniz. I. 28. — Egas Moniz, aio do Sr. D. Affonso Henriques, por quem voluntariamente se expoz á morte com sua mulher e seus filhos.

Moniz. I. 30. — Martim Moniz. Heroe que se sacrificou pela patria na tomado do Castello de Lisboa aos Mouros.

Noronha. II. 28. — D. Antão de Noronha. Governador da India.

Nunes. II. 36. — O Doutor Pedro Nunes. Insigne mathematico.

Nuno. Vide — Pereira.

Osorio. II. 11. — D. Jeronymo Osorio, Bispo de Silves. Celebre historiador e humanista.

Pacheco. I. 47. — Fernão Rodrigues Pacheco, Alcaide Mor de Celorico. Illustre pela sua fidelidade ao Sr. D. Sancho II.

Pacheco. I. 104. — Duarte Pacheco Pereira. Vencedor do Rei de Calecut, defendendo Cochim, e hum dos maiores guerreiros do seu tempo.

Paes. I. 69. — Gil Paes, Alcaide Mor de Torres Novas, illustre pela sua fidelidade e valor no reinado do Sr. D Fernando.

Paiva. II. 33. — Diogo de Paiva de Andrade. Famoso theologo e grande orador.

Pedro. I. 65. — O Sr. D. Pedro I, 8.º Rei. *N.* 1320. *A.* 1357. *F.* 1367.

Pedro. II. 70. — O Sr. D. Pedro II, 23.º Rei. *N.* 1648. *A.* 1667. *F.* 1706.

Pedro. II. 98. — O Sr. D. Pedro III, Esposo da Sr.ª Rainha D. Maria I.

Pedro. I. 83. — O Infante D. Pedro, Regente na menoridade do Sr. Rei D. Affonso V.

Pereira. I. 72. — D. Nuno Alvares Pereira. O Condestavel; hum dos maiores heroes Portuguezes.

Perestrello. I. 78. — Bartholomeo Perestrello. Descubridor da Ilha de Porto Santo.

Pina. I. 96. — Ruy de Pina. Chronista do Reino.

Pinto. II. 37. — Fernão Mendes Pinto. Diligente e curioso narrador de suas proprias peregrinações.

Pires. II. 9. — Lourenço Pires de Tavora. Valoroso capitão e habil diplomatico.

Rezende. I. 95. — Garcia de Rezende. Chronista e poeta.

Ribeiro. II. 55. — João Pinto Ribeiro. Jurisconsulto, que muito concorreu para a acclamação do Sr. D. João IV, cujo secretario era.

Rolim. II. 9. — Pedro Barreto Rolim. Esforçado capitão na India.

Roupinho. I. 29. — Esforçado capitão, a quem antigas tradições attribuem grandes façanhas por terra e por mar.

Saldanha. II. 9. — Antonio de Saldanha. Valente capitão, que se assignalou na Asia, e na jornada de Tunes.

Saldanha. II. 116. — Antonio de Saldanha, Conde de Porto Santo, hum dos tres Plenipotenciarios Portuguezes no Congresso de Vienna.

Sancha. I. 34. — A Beata Sancha, Filha do Sr. Rei D. Sancho I.

Sancho. I. 33. — O Sr. D. Sancho I, 2.º Rei. *N.* 1154. *A.* 1185. *F.* 1211.

Sancho. I. 46. — O Sr. D. Sancho II, 4.º Rei. *N.* 1202. *A.* 1223. F. 1248.

Sancho. II. 64. — D. Sancho Manoel de Vilhena, Conde de Villa Flor. Hum dos maiores heroes da guerra da acclamação.

Sebastião. II. 27. — O Sr. D. Sebastião, 16.º Rei. *N.* 1554. *A.* 1557. *F.* 1578.

Silveiras. II. 9. — Hum he Heitor da Silveira, expugnador de Baçaim; outro he Antonio da Silveira, defensor de Dio.

Sophia. II. 73. — A Sr.ª D. Sophia de Neuburgo, 2.ª Esposa do Sr. Rei D. Pedro II.

Sousa. II. 9. — Martim Affonso de Sousa. Famoso no Brazil e na India.

Sousa. II. 116. — D. Pedro de Sousa e Holstein, Conde, Marquez, e Duque de Palmella, e o 1.º dos tres Plenipotenciarios de Portugal no Congresso de Vienna.

Sueiro. I. 39. — Dom Sueiro, Bispo de Lisboa.

Tareja. I. 18. — A Sr.ª D. Tareja ou Thereza, Esposa do Conde D. Henrique.

Tavora. I. 95. — Martim de Tavora. Esforçado guerreiro na Africa.

Teixeira. I. 78. — Tristão Vaz Teixeira. Hum dos descubridores da ilha da Madeira.

Theodosio. II. 62. — O Principe D. Theodosio, Filho do Sr. Rei D. João IV.

Theotonio. I. 31. — São Theotonio, 1.º Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Thereza. II. 34. — S. Thereza, Rainha de Leão, Filha do Sr. Rei D. Sancho I.

Tristão. I. 107. — Tristão da Cunha. Fidalgo muito valoroso e embaixador do Sr. Rei. D. Manoel a Roma.

Urraca. I. 43. — A Sr.ª D. Urraca, Esposa do Sr. D. Affonso II.

Vasconcellos. II. 64. — Joanne Mendes de Vasconcellos. Hum dos heroes da guerra da acclamação.

Vaz. II. 36. — Pedro Vaz Castello — Medico, Lente na Universidade de Tolosa.

Vellez. II. 36. — O Padre Antonio Vellez, Jesuita, que poz em versos latinos as regras da Grammatica do Padre Manoel Alvares.

Vidigal. II. 59. — Destemido guerreiro contra os Hollandezes em Pernambuco.

Vieira. II. 5. — O Padre Antonio Vieira, Jesuita. Eloquente orador, o 1.º entre os nossos classicos.

Vieira. II. 58. — João Fernandes Vieira. Restaurador de Pernambuco.

Vilhena. II. 52. — D. Filippa de Vilhena. Valorosa Dama que armou seus filhos e os exhortou varonilmente na manhã do dia da acclamação do Sr. D. João IV.

Viriato. I. 4. — Capitão Lusitano, que defendeu por muitos annos a independencia da patria contra os Romanos.

Zarco. I. 78. — João Gonçalves Zarco. Hum dos descobridores da ilha da Madeira.

ERRATA.

Pag.	*Erros*	*Emendas*
IV	esduxulos	esdruxulos
5	La	Lá
6	aperbece	apercebe
»	Cruz	Cruz,
7	vituperio	vituperio,
»	plantar	plantar,
12	Trina	Trina.
16	exita	excita
18	e affecto	o affecto
25	Lybia	Libya
26	vós	voz
27	floreas	floreaes
36	ingente	ingente.
37	froctos	fructos
»	franceza	Franceza
38	Leonor	Leonor,
44	maravilha.	maravilha
»	praça	praia
45	mimoso na	mimoso da
47	Bem quisto	Bemquisto
49	Deus	teus
52	tanto,	tanto
55	inamines	inanimes
57	negrume	negrume,
61	as Batavas	ás Batavas
69	*De tantos, e taes, reos extremo exicio*	De tantos e taes reos no extremo exicio
70	Borbonio	Borbonico
72	turpor	torpor,
76	treme	freme
79	Ilion	Albion
81	Eryunis	Erinnys

No Indice a pag. 86, depois da 10.ª linha, accrescente-se — Castro. II. 47 — Gabriel Pereira de Castro, Jurisconsulto e insigne poeta.

Deacidified using the Bookkeeper process
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 296 713 6